

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO CAMPUS UNIV. PROF. ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO**

CLAUDIA SOUZA DE ALMEIDA FIEL

**A ECONOMIA CRIATIVA E SUAS CONTRIBUIÇÕES NO CONTEXTO DO
DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: UM ESTUDO NA ASSOCIAÇÃO
COMUNITÁRIA UNIÃO DOS ESTUDANTES E AGRICULTORES DO ESTADO DE
SERGIPE – UNIAGRO/SE**

ITABAIANA/SE

2020

CLAUDIA SOUZA DE ALMEIDA FIEL

**A ECONOMIA CRIATIVA E SUAS CONTRIBUIÇÕES NO CONTEXTO DO
DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: UM ESTUDO NA ASSOCIAÇÃO
COMUNITÁRIA UNIÃO DOS ESTUDANTES E AGRICULTORES DO ESTADO DE
SERGIPE – UNIAGRO/SE**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Sergipe, Centro Campus Universitário Professor Alberto Carvalho, Departamento de Administração, em cumprimento às Normas do Estágio Curricular regulamentadas pela resolução nº 38/2007/CONEP, como um dos pré-requisitos para a obtenção do grau de Bacharel em Administração.

Orientadora: Prof^a Dra. Valdice Barbosa de Queiroz.

ITABAIANA/SE

2020

**A ECONOMIA CRIATIVA E SUAS CONTRIBUIÇÕES NO CONTEXTO DO
DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: UM ESTUDO NA ASSOCIAÇÃO
COMUNITÁRIA UNIÃO DOS ESTUDANTES E AGRICULTORES DO ESTADO DE
SERGIPE – UNIAGRO/SE**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Sergipe, Centro Campus Universitário Professor Alberto Carvalho, Departamento de Administração, em cumprimento às Normas do Estágio Curricular regulamentadas pela resolução nº 38/2007/CONEP, como um dos pré-requisitos para a obtenção do grau de Bacharel em Administração.

Aprovada em ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra. Valdice Barbosa de Queiroz
Orientadora

Profª Dra. Maria Elena Leon Olave
Examinadora

Prof. MsC. José Maxuel de Farias Ferreira
Examinador

Dedico este trabalho com muito carinho a todos que contribuíram para a realização dele, principalmente minha mãe, Maria, meu pai, Claudio, e meu esposo, Uelder.

AGRADECIMENTOS

Grandes foram as lutas e as dificuldades que tive de enfrentar para chegar a esse momento, mas em todas as situações eu sempre soube em quem posso crer e confiar.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer ao meu Deus por sempre estar ao meu lado, me dando forças e coragem para que não viesse a desistir. Sem Ti eu nada sou!

Agradeço em especial aos meus pais, pois, quando as coisas pareciam difíceis, eles estavam comigo, me incentivando, me encorajando, pacientemente, e me fornecendo suporte o quanto fosse necessário nessa longa trajetória universitária, como também na vida. É tudo por vocês!

Aos meus irmãos pelo carinho e por sempre confiarem em mim e me terem como inspiração em seus estudos.

Ao meu lindo esposo pela compreensão e paciência comigo em todos os momentos da elaboração deste trabalho. Te amo!

A todos os meus familiares por se preocuparem e torcerem por mim.

Às minhas amigas e irmãs, que foram um presente de Deus, Thamires, Acsa e Larissa, que juntas formamos o Quarteto fantástico. Vocês me ajudaram muito com as conversas, os conselhos e um ombro amigo nesta jornada acadêmica.

Aos meus queridos professores por terem contribuído e muito em meu aprendizado e na minha formação enquanto administradora.

A todo o corpo administrativo da UNIAGRO, como também aos sócios, por se prontificarem a me ajudar no desenvolvimento da pesquisa.

Por fim, e não menos importante, à minha querida professora e orientadora Valdice Barbosa de Queiroz por ter acreditado em mim e em meu potencial, conduzindo-me na realização deste trabalho com sua paciência, sua amizade, seus ensinamentos e seus conhecimentos. Sou muito grata!

“Mas buscai primeiro o reino de Deus, e a sua
justiça, e todas estas coisas vos serão
acrescentadas.”

(Matheus 6:33)

RESUMO

As intensas mudanças acontecidas na economia global, o aumento das inovações tecnológicas e o surgimento de novas tecnologias da informação e comunicação, assim como a busca pela competitividade induziram a inúmeras mudanças na forma de produzir. Nessa perspectiva, surge a Economia Criativa, cuja base para seu desenvolvimento tem um modelo voltado para a criatividade, a cultura, o conhecimento e o intelecto das pessoas, na geração de trabalho, renda e desenvolvimento sustentável. As indústrias criativas buscam, por meio do potencial do indivíduo ou do coletivo, produzir bens e serviços criativos que gerem um valor econômico. A UNIAGRO é o objeto de estudo, por se tratar de uma instituição voltada para a agricultura, a qual buscou implementar um novo método de produção mais viável. Entretanto, por ser uma associação e, portanto, não se encaixar no modelo industrial, tornou-se imprescindível responder à seguinte questão: como a Associação Comunitária União dos Estudantes e Agricultores do Estado de Sergipe – UNIAGRO – pode ser caracterizada no contexto da Economia Criativa, gerando desenvolvimento sustentável no Município de São Domingos Sergipe? Identificar suas características no escopo da Economia Criativa e analisar a geração de desenvolvimento sustentável no Município de São Domingos tornaram-se os principais objetivos deste trabalho. A abordagem do problema foi qualitativa, utilizando-se do método de análise de conteúdo dos dados e informações levantadas na pesquisa de campo, cujos instrumentos foram a entrevista e o Grupo Focal (GF). Os resultados evidenciaram que a UNIAGRO possui características da Economia Criativa e gera desenvolvimento sustentável para o Município. Os associados, ainda que de maneira tímida, passaram a utilizar práticas de manejo agrícola que não prejudicam o meio ambiente, como também conseguiram exibir recursos econômicos mais consistentes e contínuos.

Palavras-chave. Economia Criativa. Sustentabilidade. Agricultura.

ABSTRACT

The intense changes that have taken place in the global economy, the increase in technological innovations and the emergence of new information and communication technologies, as well as the search for competitiveness have led to numerous changes in the way of production. In this perspective, the Creative Economy appears, whose base for its development has a model turned to the creativity, the culture, the knowledge and the intellect of the people, in the generation of work, income and sustainable development. The creative industries seek, through the potential of the individual or the collective, to produce creative goods and services that generate economic value. UNIAGRO is the object of study, as it is an institution focused on agriculture, which sought to implement a new, more viable production method. However, because it is an association and therefore does not fit the industrial model, it has become essential to answer the following question: how can the Community Association of Students and Farmers of the State of Sergipe - UNIAGRO - be characterized in the context of the Creative Economy, generating sustainable development in the Municipality of São Domingos Sergipe? Identifying its characteristics in the scope of the Creative Economy and analyzing the generation of sustainable development in the Municipality of São Domingos have become the main objectives of this work. The approach to the problem was qualitative, using the method of content analysis of data and information collected in the field research, whose instruments were the interview and Focus Group (FG). The results showed that UNIAGRO has characteristics of the Creative Economy and generates sustainable development for the Municipality. The associates, albeit in a timid way, started to use agricultural management practices that do not harm the environment, but also managed to exhibit more consistent and continuous economic resources.

Keywords: Creative economy. Sustainability. Agriculture.

LISTA DE SIGLAS

CNPJ	Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica
CONAB	Companhia Nacional de Abastecimento
EC	Economia Criativa
GF	Grupo Focal
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IDHM	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
MINC	Ministério da Cultura
MPE	Micro e Pequena Empresa
ONU	Organização das Nações Unidas
PIB	Produto Interno Bruto
PNAE	Programa Nacional de Alimentação Escolar
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PPA	Programa de Aquisição de Alimentos
PRONAF	Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
TI	Tecnologia da Informação
UNCTAD	Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento
UNIAGRO	União dos Estudantes e Agricultores do Estado de Sergipe
WIPO	Organização Internacional da Propriedade Intelectual

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	– Setores criativos - a ampliação dos setores culturais	23
Figura 2	– Classificação dos setores criativos	27

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	– Definições de indústrias criativas	19
Quadro 2	– Quatro esferas de Deheinzelin e suas características	21
Quadro 3	– Competências da Secretaria da Economia Criativa	22
Quadro 4	– Problemas ambientais, escala de abrangência e relações com a agricultura	30
Quadro 5	– Diferenças entre Monocultura X Policultura	32
Quadro 6	– Categorização	42
Quadro 7	– Categoria: UNIAGRO - Empreendimento criativo	46
Quadro 8	– Categoria: Produção sustentável	48
Quadro 9	– Categoria: Melhoria da qualidade de vida dos associados	49
Quadro 10	– Categoria: Melhoria da geração de renda dos sócios	51
Quadro 11	– Categoria: Mudança de cultura agrícola	53
Quadro 12	– Categoria: Capacitação profissional	55
Quadro 13	– Categoria: Políticas públicas para a UNIAGRO	56
Quadro 14	– Categoria: Relação dos sócios com a UNIAGRO	59

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	DISCUSSÕES SOBRE O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO	13
2.1	Desenvolvimento sustentável	16
2.2	Economia criativa	18
2.2.1	A criatividade como principal condutor da economia criativa	25
2.2.2	As indústrias criativas e sua propagação	26
2.2.3	A cultura e seu patrimônio econômico criativo	28
2.3	A agricultura como meio de sobrevivência humana e criadora de inovações	28
2.3.1	A economia criativa: problemas ambientais e agricultura sustentável	29
2.3.2	O papel das associações comunitárias no desenvolvimento econômico e social	33
2.3.3	O cooperativismo	34
3	METODOLOGIA	36
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	43
4.1	Caracterização do município de São Domingos	43
4.2	Caracterização da UNIAGRO	44
4.3	Apresentação do grupo focal, análise e discussão dos resultados	46
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
5.1	Limitações e recomendações	62
	REFERÊNCIAS	63
	APÊNDICE A – Roteiro do Grupo Focal	69
	APÊNDICE B – Roteiro de perguntas	70
	APÊNDICE C – Roteiro da entrevista	71

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, constata-se na sociedade grandes mudanças em todos os aspectos, sejam eles financeiros, econômicos, sociais ou ambientais. Nesse cenário de crescimento e desenvolvimento, destaca-se a chamada Economia Criativa, cujo objetivo é trazer um desenvolvimento econômico e sustentável diferenciado dos demais, por meio de um maior aproveitamento de insumos cada vez mais renováveis, os quais estão alicerçados nos valores intangíveis e sustentáveis.

Surge um novo paradigma que criou uma ruptura no modelo da então era industrial, o qual tem em seu cerne a criatividade, que é o principal meio indutor para que as práticas da Economia Criativa (doravante neste trabalho identificada como EC) possam se proliferar e conseguir níveis ainda não alcançados. Suas atividades estão inseridas no cenário do conhecimento, da tecnologia e da propriedade individual.

Assim, muitas instituições e nichos de mercado estão inovando em seus modos de produção, e demais setores, por meio da utilização da EC e suas práticas. Como foi o caso da UNIAGRO, que começou a desenvolver um trabalho, com a comunidade são dominguense, voltado para a geração de renda e empregos por intermédio da agricultura.

Nessa temática, esta pesquisa buscou responder ao seguinte problema: *como a Associação Comunitária União dos Estudantes e Agricultores do Estado de Sergipe – UNIAGRO – pode ser caracterizada no contexto da Economia Criativa, gerando desenvolvimento sustentável em São Domingos?* Buscando responder a esse problema, o objetivo geral deste estudo foi analisar como a UNIAGRO pode ser caracterizada no contexto da economia criativa, gerando desenvolvimento sustentável no Município de São Domingos, Estado de Sergipe.

Para atender ao objetivo geral da pesquisa elaborou-se os seguintes objetivos específicos: caracterizar, em seus aspectos econômicos, o Município de São Domingos por ser onde a UNIAGRO está localizada; descrever a UNIAGRO no contexto econômico e sustentável local; traçar as características existentes na associação que condizem com a Economia Criativa e, por fim; identificar os possíveis pontos existentes que possam ser melhorados ou até mesmo que possibilitem a introdução de novas práticas criativas.

Considera-se que esta pesquisa é relevante para o conhecimento científico do setor produtivo das associações, por disseminar e agregar mais informações sobre o tema no meio acadêmico e promover estímulos ao desenvolvimento de novos estudos nesse campo.

A EC apresenta fundamental importância para a sociedade por se tratar de um novo

modelo econômico que tem se instalado no cenário mundial e se encontra em estágio embrionário, além de está em processo de constante evolução e tem se mostrado como sendo uma das soluções viáveis e sustentáveis para o mundo moderno e principalmente para os países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil.

Em decorrência disso, houve a inquietação por parte desta pesquisadora em abordar essa temática especificamente no Município de São Domingos por se tratar de uma cidade pequena e do interior, mas que mostrou possuir um grande potencial agrícola, contudo precisava de novas medidas mais adequadas sobre como produzir de forma sustentável, proporcionando renda duradoura para os sócios, foi quando surgiu a ideia de pesquisar a UNIAGRO porque percebeu-se que desenvolvia um trabalho diferenciado e voltado para essas melhorias.

Vale ressaltar que este estudo foi viável porque apresentou elementos necessários para o desenvolvimento da pesquisa, como também atendeu às necessidades de execução das etapas do projeto. A abordagem geral do problema se deu de forma qualitativa, utilizando-se a técnica de Grupo Focal desenvolvida com seis sócios da UNIAGRO, além de uma entrevista com o seu presidente.

Esta monografia foi dividida em cinco capítulos. O primeiro é a Introdução, em que foram destacados o problema, os objetivos e a justificativa do trabalho, além de apresentar um breve resumo da metodologia empregada. No Capítulo 2 (dois) apresenta-se uma revisão bibliográfica sobre desenvolvimento econômico, expandindo-se para o desenvolvimento sustentável, além de serem trazidos à baila o surgimento da EC e seus conceitos, como também um breve histórico do que é criatividade, cultura, indústrias criativas e suas definições. O capítulo também aborda a agricultura e suas relações com a sustentabilidade e traz uma pequena síntese dos dois tipos de cultura agrícola, a monocultura e policultura, com o objetivo de mostrar o campo de atuação da UNIAGRO, além de expor a parte conceitual sobre associação e cooperativismo. Já no Capítulo 3 (três), apresenta-se o percurso metodológico, em que constam a abordagem geral e as técnicas utilizadas. Nos capítulos 4 (quatro) e 5 (cinco), apresentam-se os achados da investigação, como a caracterização do Município de São Domingos, a descrição da UNIAGRO e os resultados do GF, após, faz-se a análise desses achados, além das considerações finais, com as limitações da pesquisa e algumas sugestões para estudos futuros.

2 DISCUSSÕES SOBRE O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

Na obra *A Riqueza das Nações*, Adam Smith deu início aos estudos voltados para as causas e teorias do que seria o progresso e, posteriormente, o desenvolvimento. Outros autores como Thomas Malthus, David Ricardo, John Stuart Mill, Karl Marx e Joseph Schumpeter também se preocuparam em entender o que levava a sociedade a progredir.

A princípio, como afirma Amaro (2003), o conceito de desenvolvimento ganhou significado a partir da Segunda Guerra Mundial, principalmente devido ao fato de as antigas colônias da Europa adquirirem independência, como também pelo fato de a União Soviética e outras superpotências promoverem uma forte influência ideológica naquela época, de maneira que esse conceito – desenvolvimento – estava associado às soluções para os problemas relacionados ao subdesenvolvimento¹.

Constata-se, entretanto, que esse conceito foi sendo construído e moldado ao longo do tempo, sendo que não poderia ser pensado fora das esferas políticas, sociais, econômicas e culturais e fora do contexto da sociedade na qual estava inserido. Oliveira (2001), por sua vez, afirma que as primeiras manifestações do que venha a ser o desenvolvimento surgiram por volta do século XX, associadas à ideia de desenvolvimento econômico, o qual estava vinculado ao crescimento e, posteriormente, ao progresso, como também à modernidade.

Essa ideia de progresso é apenas um dos ingredientes que, nos anos de 1930 e 1940, vão convergir para uma construção de um determinado conceito de desenvolvimento. A experiência dos anos pós-guerra colocou com muita força essa noção de desenvolvimento. [...] ao mesmo tempo em que se apresentava como o futuro de quem não tinha desenvolvimento, contribuía para construir o lugar de quem era desenvolvido e de quem era não-desenvolvido, ou subdesenvolvido (BURITY, 2007, p. 53).

¹ Os desafios da reconstrução europeia, com o apoio do Plano Marshall, que levaram os países da Europa, destruídos ou afetados pela guerra, a visar a retomada dos seus caminhos de progresso e riqueza, ou seja, de desenvolvimento; as exigências do confronto Leste-Oeste (ou guerra fria), que implicaram a existência de uma base de acumulação produtiva que sustentasse a corrida aos armamentos; a constante inovação tecnológica e a apresentação de resultados de progresso, do ponto de vista ideológico; a afirmação do keynesianismo, como novo paradigma da Ciência Econômica, implicando o princípio da regulação através da intervenção do Estado na economia e viabilizando, portanto, o papel deste na realização do progresso e no aumento do bem-estar das sociedades, ao contrário da corrente dominante desde o século XIX [...], que via no mercado a garantia automática do bem-estar, sem necessidade de formular teorias e definir estratégias de desenvolvimento; as novas afirmações idealistas saídas da Segunda Guerra Mundial, a favor do progresso e da paz entre os povos, que se traduziram em inúmeras referências e compromissos da ONU, bem como em declarações e afirmações solenes, como “As Quatro Liberdades” do presidente Roosevelt (1941) — que incluíam a liberdade de não passar necessidades —, a Carta Atlântica, assinada por Churchill e Roosevelt (1941) — que se propunham, entre outros aspectos, “promover o livre acesso de todos os países ao comércio externo e ao aprovisionamento de matérias-primas”, bem como garantir que “todos os seres humanos em todos os países possam viver sem sentir medo ou sofrer necessidades” — e o famoso “Ponto Quatro” da declaração do presidente Truman (1949), que foi o primeiro programa dos Estados Unidos de ajuda ao desenvolvimento (AMARO, 2003, p. 4-5).

Com a modernização, os modelos arcaicos e tradicionais de subdesenvolvimento² inerentes aos meios rurais e seus posicionamentos relacionados aos setores econômicos deveriam ser substituídos por outras mentalidades mais voltadas para os meios urbanos e seus setores industriais. Dessa forma, as estratégias de desenvolvimento foram repensadas e substituídas pelas lógicas progressistas, que remetem aos novos modos urbanistas e dos setores industriais (AMARO, 2003).

Cabe aqui ressaltar que em sua obra, Amaro (2003) faz referência à associação existente entre desenvolvimento e crescimento econômico. No entanto, o crescimento econômico é capacidade que uma economia tem de satisfazer as necessidades das pessoas, sejam elas quais forem, isto é, de produzir aumentos de bem-estar, o qual proporciona o suporte necessário para que o desenvolvimento aconteça. Assim, o desenvolvimento econômico pode ser definido como “um aumento nos níveis de vida das pessoas vulgares” ou, ainda, “[...] como uma melhoria sustentada e secular no bem-estar material [...], refletida num fluxo crescente de bens e serviços” (AMARO, 2003, p. 9).

Assim, o desenvolvimento econômico é tido como algo autossustentado, de maneira que, ao ser iniciado, ele se torna automático. É subsidiado pelo capitalismo e considerado o fator de sucesso nas competições pelo mercado, o qual busca estabelecer elevadas melhorias nos padrões de vida das pessoas por meio de uma política de acumulação de capital, que é adquirida com a maior utilização de meios técnicos no trabalho e consequentes avanços nos meios de produção:

O desenvolvimento econômico é um processo de aumento do capital humano, ou seja, dos níveis de educação, saúde e competência técnica dos trabalhadores, e da transferência dessa força de trabalho para setores com maior conteúdo tecnológico que implicam em salários mais elevados (BRESSER-PEREIRA, 2006, p. 6).

Percebe-se que Amaro (2003) também entende que a ideia de crescimento econômico é a condição necessária para o desenvolvimento, contudo precisa ser subsidiado por outros níveis tais como: saúde, habitação, educação, valores culturais, relações sociais, sistema político, entre outros, para fornecer o bem-estar às pessoas. Anteriormente para se medir o nível de desenvolvimento de um país utilizava-se o parâmetro de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB), o qual era estabelecido por meio da soma, em termos monetários, de todos os serviços e bens finais realizados em um determinado período por um país:

O PIB corresponde ao valor de mercado do fluxo de bens e serviços finais

² Nesse sentido, o subdesenvolvimento era visto como um atraso no desenvolvimento, a tradição um obstáculo à modernização, o campo e os meios rurais um passo atrás na caminhada para as cidades e para o progresso [...] (AMARO, 2003, p. 10).

disponibilizados por uma economia em um determinado período de tempo (normalmente um ano), propiciando o acompanhamento de suas modificações estruturais e de seu curso conjuntural (LOURENÇO; ROMERO 2002, p. 28).

O PIB era considerado o indicador síntese de uma economia, o qual calculava-se por meio do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sendo aferido através dos preços correntes e constantes. Então, à medida que o PIB vai crescendo, significa que a economia vai bem, assim como o nível de riqueza de uma região. Segundo a ONU não se deve considerar apenas aspectos econômicos na avaliação de uma população, mas sim introduzir outras características culturais, políticas e sociais que interferem na qualidade de vida da sociedade (LOURENÇO; ROMERO, 2002).

Dessa forma o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), oferece um contraponto para o indicador mais utilizado, o qual também mede o grau de desenvolvimento econômico, mas apresenta um incremento de medir a qualidade de vida oferecida às pessoas:

O conceito de desenvolvimento econômico amplia o conceito de crescimento econômico, ao incluir na análise dos índices ou indicadores aqueles que contemplam a melhoria das condições de vida da população que, não necessariamente, crescem com a melhoria das condições econômicas (pobreza, desemprego, desigualdade, saúde, nutrição, educação e moradia (LOURENÇO; ROMERO, 2002, p. 37).

A escolha do IDH como métrica se dá pelo fato de permitir a avaliação do desenvolvimento econômico de uma região sob uma visão sistêmica, cruzando variáveis sociais, econômicas e culturais (OLIVEIRA; MARTINELLI, 2013). Para análise do IDH, é necessário relacionar alguns aspectos de suma importância para o bem-estar das pessoas, aspectos esses que são um modelo de vida alinhado e correto com as necessidades, e ter um nível de escolaridade acessível, além de principalmente uma vida longa e com muita saúde (LOURENÇO; ROMERO, 2002).

Para se ter um efeito de análise e comparação entre os países, foram estabelecidas três categorias norteadoras, de acordo com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), que são:

- de baixo desenvolvimento – apresentando IDH menor que 0,5;
- de médio desenvolvimento – exibindo IDH entre 0,5 e 0,8;
- de elevado desenvolvimento – traduzido por IDH superior a 0,8.

Nessa mesma perspectiva de desenvolvimento econômico, ainda convém mostrar outro indicativo de mensuração mais específico, que é o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), o qual será melhor utilizado por fornecer informações mais adequadas para se analisar cada município especificamente.

O Atlas de Desenvolvimento Humano do Brasil (2013) define o IDHM como possuidor de três componentes importantes que viabilizam suas pesquisas, os quais se resumem em: longevidade, educação e renda. Esse índice busca mostrar a história dos municípios, como também que o desenvolvimento está vinculado às pessoas e não apenas ao desenvolvimento econômico. Além disso, o IDHM propõe uma política de comparabilidade entre os municípios, proporcionando uma melhora nas políticas públicas e, conseqüentemente, o progresso na qualidade de vida das pessoas.

O índice varia de 0 até 1, sendo considerado:

- Muito Alto – de 0,800 a 1,000;
- Alto – de 0,700 a 0,799;
- Médio – de 0,600 a 0,699;
- Baixo – de 0,500 a 0,599;
- Muito Baixo – de 0,000 a 0,499.

Portanto, o desenvolvimento para acontecer independe do lugar, ou seja, é considerado como um processo universal. Diante disso, salienta-se que é importante delimitar os espaços geográficos para contemplar esses aspectos de visão sistêmica, como é o caso das cidades criativas (CLOSS; OLIVEIRA, 2017). Feito esse percurso, será abordado, no tópico a seguir, como a economia criativa contribui para um desenvolvimento sustentável.

2.1 Desenvolvimento Sustentável

A Economia Criativa constitui-se como a ferramenta ideal para a caracterização de uma economia que se encontra em um processo de expansão e desenvolvimento tanto econômico quanto social, isso porque ela trabalha com uma base bastante sólida de insumos inesgotáveis, dentre os quais a criatividade.

Gabrielle e Rodrigo (2017) destacam que a EC se tornou uma chave para o desenvolvimento, uma vez que ela se baseia em recursos que estão sempre se renovando. Como exemplo disso, é possível citar os valores, a criatividade e o conhecimento, os quais são a base para processos colaborativos em rede. Dessa maneira, esses recursos só tendem a aumentar à medida que são utilizados, como explicam Serafim *et al.* (2013) ao apontarem que se percebe que a criatividade é uma fonte inesgotável de recursos – ou seja, quanto mais se explora, mais se tem – sendo essa uma característica muito peculiar.

Assim também funciona o conceito de desenvolvimento, que foi sendo modificado ao

longo dos anos, como assinala Silva (2012, p. 114) “Do mesmo modo é que as concepções de desenvolvimento vão sofrendo mutações ao longo do tempo e nas diferentes sociedades”. Como se vê, partindo do conceito do desenvolvimento, o uso inconsciente dos recursos naturais e das tecnologias poluentes nas estruturas produtivas, com o intuito de obter lucros e gerar vantagens competitivas a curto prazo, acabou por desencadear grandes desequilíbrios ambientais.

Desse modo, ao lidar com recursos renováveis, a EC é planejada e encaixada para a sustentabilidade do planeta e da espécie humana. Entretanto, não se trata apenas de uma atividade econômica, é também um fator que permite a interação e a evolução sociais. Ao atuar simultaneamente nas quatro dimensões ligadas à sustentabilidade – econômica, social, ambiental e simbólica – abre possibilidade de recriar as sociedades e seus modelos, desenhando futuros mais desejáveis e harmônicos (DEHEINZELIN, 2008).

Por conseguinte, o conceito de desenvolvimento sustentável busca estabelecer um desenvolvimento que, além de atender a todas as necessidades das gerações atuais, tem a preocupação de atender também às necessidades das gerações futuras, tendo como principal foco a utilização de recursos que estejam em constante renovação. Assim, “[...] o desenvolvimento sustentável é aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer as possibilidades das gerações futuras atenderem suas próprias necessidades” (BARBOSA, 2008, p. 2).

Nesse âmbito, Barbosa (2008) demonstra a importância de se evidenciar a equidade, que precisa existir em primeiro lugar, de maneira que a sociedade possa participar efetivamente de todas as decisões. Ademais, as cidades que buscam desenvolvimento devem procurar atender às necessidades básicas dos indivíduos, além de proporcionar uma melhor qualidade de vida às pessoas. Realizada essa discussão, será feito, no capítulo seguinte, um apanhado geral da EC e seus principais conceitos.

2.2 Economia criativa

A EC surgiu na Austrália por volta de meados da década de 1990, a partir do projeto Creative Nation, o qual buscava mostrar como a economia poderia aproveitar o potencial criativo em todos os aspectos do mercado, direcionando mais investimentos nas indústrias criativas (DUQUE, 2015; JESUS, 2017; REIS, 2008). Posteriormente, o Reino Unido conseguiu constatar que o talento intelectual, a criatividade e as habilidades humanas poderiam melhorar as condições financeiras do país, então buscou fazer uma parceria com as indústrias criativas, as quais se mostraram como principal fonte renovável de todos os recursos, sendo

capaz de possibilitar um crescimento sustentável, em que, quanto mais se utiliza, mais se expande em proporções cada vez maiores (REIS, 2008).

A EC conceitualmente surgiu num cenário de muitas mudanças no que diz respeito à economia mundial. Tais transformações podem ser apreendidas por meio da intensificação da importância de utilizar o conhecimento como recurso principal do sistema de produção vigente (SILVA, 2018). Para conhecer melhor sobre o presente tema, faz-se necessário ter uma base do que quer dizer EC. De forma ampla, os conceitos existentes encontram-se em construção, sendo cada um deles bem peculiar. Rodrigues (2013), por exemplo, propõe dividir o termo EC e verificá-lo separadamente, observando que, etimologicamente, a palavra economia vem do grego *oikos*, que significa casa, e *nomos*, quer dizer norma, lei. Desse modo, originalmente, economia significa administração da casa e pode ser ampliada como sendo administração da coisa pública.

Economia pode ser definida como a ciência social que estuda como o indivíduo e a sociedade decidem utilizar recursos produtivos escassos, na produção de bens e serviços, de modo a distribuí-los entre as várias pessoas e grupos da sociedade, com a finalidade de satisfazer às necessidades humanas (VASCONCELOS, 2007, p. 3).

Ademais, como expõem Bendassolli *et al.* (2009), a parte criativa ou criatividade está relacionada à capacidade que cada ser humano possui de criar ou manipular coisas do ambiente externo por meio de seus desejos e de fantasias pessoais, com o desígnio de gerar algo inovador. A criatividade está relacionada a algo intrínseco, imaterial, pensamento também compartilhado por Durand (2007 apud RODRIGUES, 2013), no sentido de que a criatividade é denominada como algo indefinido e irredutível a qualquer condicionante psíquico, social ou econômico, podendo-se notar a grande importância da criatividade para cada indivíduo e até mesmo para um grupo de pessoas.

Com a junção desses dois termos, surge a expressão Economia Criativa, a qual irá englobar o significado de ambos e dará vida a um novo conceito mais amplo e com grande magnitude, o qual pode ser expressado como sendo a produção de bens e serviços caracterizados pelo seu conteúdo intangível, assim como negócios e serviços relacionados à elaboração, à invenção e ao cuidado com os produtos considerados artísticos ou culturais (RODRIGUES, 2013). De maneira geral, os termos e conceitos transformam-se constantemente e são utilizados, basicamente, de acordo com a síntese apresentada por Bendassolli *et al.* (2009), conforme o Quadro 1.

Quadro 1 – Definições de indústrias criativas

Definições	Referências
“Atividades que têm a sua origem na criatividade, competências e talento individual, com potencial para a criação de trabalho e riqueza por meio da geração e exploração de propriedade intelectual. As indústrias criativas têm por base indivíduos com capacidades criativas e artísticas, em aliança com gestores e profissionais da área tecnológica, que fazem produtos vendáveis e cujo valor econômico reside nas suas propriedades culturais (ou intelectuais).”	DCMS (2005, p. 5)
“A ideia de indústrias criativas busca descrever a convergência conceitual e prática das artes criativas (talento individual) com as indústrias culturais (escala de massa), no contexto de novas tecnologias midiáticas (TIs) e no escopo de uma nova economia do conhecimento, tendo em vista seu uso por parte de novos consumidores cidadãos interativos.”	Hartley (2005, p. 5)
“Em minha perspectiva, é mais coerente restringir o termo ‘indústria criativa’ a uma indústria onde o trabalho intelectual é preponderante e onde o resultado alcançado é a propriedade intelectual.”	Howkins (2005, p. 119)
“[Indústrias criativas] produzem bens e serviços que utilizam imagens, textos e símbolos como meio. São indústrias guiadas por um regime de propriedade intelectual e [...] empurram a fronteira tecnológica das novas tecnologias da informação. Em geral, existe uma espécie de acordo que as indústrias criativas têm um coregroup, um coração, que seria composto de música, audiovisual, multimídia, software, broadcasting e todos os processos de editoria em geral. No entanto, a coisa curiosa é que a fronteira das indústrias criativas não é nítida. As pessoas utilizam o termo como sinônimo de indústrias de conteúdo, mas o que se vê cada vez mais é que uma grande gama de processos, produtos e serviços que são baseados na criatividade, mas que têm as suas origens em coisas muito mais tradicionais, como o craft, folclore ou artesanato, estão cada vez mais utilizando tecnologias de management, de informática para se transformarem em bens, produtos e serviços de grande distribuição.”	Jaguaribe (2006)
“As indústrias criativas são formadas a partir da convergência entre as indústrias de mídia e informação e o setor cultural e das artes, tornando-se uma importante (e contestada) arena de desenvolvimento nas sociedades baseadas no conhecimento [...] operando em importantes dimensões contemporâneas da produção e do consumo cultural. [...] o setor das indústrias criativas apresenta uma grande variedade de atividades que, no entanto, possuem seu núcleo na criatividade.”	Jeffcutt (2000, p. 123-124)
“As atividades das indústrias criativas podem ser localizadas em um continuum que vai desde aquelas atividades totalmente dependentes do ato de levar o conteúdo à audiência (a maior parte das apresentações ao vivo e exposições, incluindo festivais) que tendem a ser trabalho-intensivas e, em geral, subsidiadas, até aquelas atividades informacionais orientadas mais comercialmente, baseadas na reprodução de conteúdo original e sua transmissão a audiências (em geral distantes) (publicação, música gravada, filme, broadcasting, nova mídia).”	Cornford e Charles (2001, p. 17)

Fonte: Bendassolli *et al.* (2009, p. 12)

Destaca-se a visão de Jeffcutt (2000), referindo-se à economia como um setor altamente amplo, de maneira que o conhecimento é a chave que permeia todas as áreas que o compõem; do mesmo modo, Serafim (2013) corrobora a ideia de que esse conhecimento deve ser compartilhado e introduzido por meio da cooperação de todos aqueles que fazem parte desse setor e que buscam um bem em comum.

No Brasil, a introdução da EC ocorreu por intermédio de um workshop sobre indústrias criativas, realizado em 2004, proporcionado pela Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD), com o intuito de mostrar a grande importância da

EC para os países que estão em desenvolvimento, além de salientar as vantagens e oportunidades que esses países terão com a implementação das diversidades culturais no comércio e nos negócios (JESUS, 2017). Pratt e Hutton (2013 apud CARVALHAL; MUZZIO, 2015) corroboram com esse pensamento na mesma linha, observando que os países podem adquirir maiores impactos no que tange ao desenvolvimento por meio de potencialidades geradas pela EC.

Nessa mesma temática, Bendassolli *et al.* (2009) e Melgarejo (2011) assinalam que, por se tratar de algo que vem a acarretar grande revolução no cenário mundial, a EC propõe uma mudança de paradigma, de modo que o modelo industrial de produção – que focava primordialmente no trabalho e na produção em massa – dá lugar a um modelo voltado para a criatividade, a cultura, o conhecimento e o intelecto das pessoas. Além disso,

A noção científica de conhecimento, de inovação e de tecnologia da informação está inserida na estrutura conceitual da economia criativa, há quem defenda que hoje estamos testemunhando um período de transição. Parece que o mundo está passando por uma mudança gradativa de paradigma, saindo da era da Sociedade da Informação do século XX, onde o foco estava na comunicação liderada pela informação, e indo em direção a uma abordagem mais holística da Economia Criativa no século XXI, em que a força motriz é a criatividade sendo a principal matéria-prima para a sobrevivência e desenvolvimento continuado das pessoas na busca por empregos e inovações, além de propiciar uma disseminação de novas culturas e costumes locais (SANTOS-DUISENBERG, 2008, p. 58).

A EC, com seu potencial criativo, possibilita a geração de renda para as pessoas a partir da criação de novos empregos que não precisam ser necessariamente mecanizados, contudo busca como principal ferramenta o intelecto, de modo que as artes e culturas locais sejam aproveitadas e transformadas em bens/serviços que possuam muito valor intrínseco e imaterial (CLOSS; OLIVEIRA, 2017). Isso porque ela busca desenvolver uma nova maneira de trabalhar de forma muito mais simples, baseando-se em custos mais baixos por postos de trabalho, buscando atender a necessidades e tendências futuristas que englobam todas as esferas humanas.

Os principais pilares da EC estão alavancados na criatividade e na cultura, as quais promovem o crescimento sustentável por meios que não se acabam, isso porque, quando são utilizados em grande quantidade, se multiplicam. Sendo assim, permite que a espécie humana possa se desenvolver futuramente de forma sustentável em todas as esferas: financeira, ambiental, social e simbólica (DEHEINZELIN, 2008), conforme apresentado no Quadro 2.

Quadro 2 – Quatro esferas de Deheinzelin e suas características

Esferas	Características
Financeira	Atua como mediadora das outras; é trabalhada através do mercado (e de sua regulação); tem como principais desafios a distribuição equitativa e a regulação dos fluxos (de capital, de bens, de direitos de propriedade); e a forma de capital a ela relacionada é o capital financeiro.
Ambiental	Inclui o ambiente natural e o ambiente tecnológico (infraestrutura e equipamentos disponíveis); é trabalhada através do design (no conceito de Bruce Mau – o design como ferramenta para redesenhar o mundo); tem como principais desafios a sustentabilidade e o planejamento (outro ponto fraco no Brasil); e as formas de capital a ela relacionadas são os capitais natural e tecnológico.
Social	Abarca os setores público e privado e a sociedade civil organizada; é trabalhada por grupos organizados em redes; tem como desafios a ação articulada e transdisciplinar; e está ligada àquilo que é nossa grande carência: o capital social.
Simbólica	É aquela em que estão inseridos os valores intangíveis; é trabalhada através do conhecimento; tem como principais desafios o acesso democrático e a visibilidade (como atrair atenção, ser “visto” em meio ao mar de opções em que estamos mergulhados?); e as formas de capital a ela relacionadas são os capitais humano e cultural.

Fonte: Adaptado de Deheinzelin (2008, p. 30-31)

Essas esferas criam uma perspectiva de integração, ou seja, uma não poderá ser pensada sem que a outra exista, permitindo que essa cadeia atue na geração e na agregação de valor, desenvolvendo um ambiente altamente propício no que diz respeito aos campos cultural e criativo.

Organização Internacional da Propriedade Intelectual – WIPO tece sua análise da economia criativa balizada por sua função institucional. Assim, a concebe como locus de criação, produção, transmissão e distribuição de bens e serviços que façam jus a direitos de propriedade intelectual ou direitos de cópia (copyright). Inclui, portanto, atividades como software, vestuário, calçados e brinquedos, o que não é comum a outros modelos (GORGULHO *et al.*, 2009, p. 7).

Closs e Oliveira (2017) também compartilham da ideia da criatividade como sendo a principal matéria-prima para a sobrevivência e o desenvolvimento continuado das pessoas na busca por empregos e inovações, além de propiciar uma miscigenação cultural e a disseminação das culturas e dos costumes locais.

Em consonância, a participação e o envolvimento do governo federal é de suma importância para proporcionar projetos e incentivos que estimulem o desenvolvimento cultural da economia criativa em cidades e regiões. Em setembro de 2011, por meio do Ministério da Cultura (MINC), foi lançado o Plano da Secretaria da Economia Criativa, o qual previa Políticas, diretrizes e ações para o setor da economia criativa no período de 2011 a 2014 (BRASIL, 2011).

Por meio das políticas públicas e de seu poder regulatório, os governos podem tirar partido da complexidade desse setor, difundindo e liberando bens e serviços culturais para a sociedade, do mesmo modo, podem proteger e assegurar os direitos autorais e de propriedade intelectual dos indivíduos e grupos de cidadãos responsáveis pela criação do conteúdo que move as indústrias culturais e criativas (VIEIRA, 2013, p. 31).

Além disso, o Plano da Secretaria de Economia Criativa (2011-2014) também propõe que no território brasileiro há uma imensa necessidade de investimentos do governo por meio de políticas públicas que proporcionem um suporte para essas tecnologias criativas, assim como é feito em muitos países que possuem apoio governamental, disponibilizando insumos necessários para esses setores criativos (BRASIL, 2011). Na sequência, no Quadro 3, encontram-se destacadas as competências da Secretaria da EC no tocante ao plano proposto para 2011-2014.

Quadro 3 – Competências da Secretaria da Economia Criativa

COMPETÊNCIAS DA SECRETARIA DA ECONOMIA CRIATIVA
I. Propor, conduzir e subsidiar a elaboração, implementação e avaliação de planos e políticas públicas para o desenvolvimento da economia criativa brasileira;
II. Planejar, promover, coordenar e implementar ações necessárias ao desenvolvimento da economia criativa brasileira;
III. Articular em órgãos públicos a inserção da temática da economia criativa nos seus âmbitos de atuação;
IV. Subsidiar os demais órgãos e as entidades do Ministério da Cultura no processo de formulação das políticas públicas relacionadas com a promoção da economia criativa brasileira;
V. Acompanhar a elaboração dos tratados e convenções internacionais sobre a economia criativa, em articulação com outros órgãos e organismos públicos e privados;
VI. Articular e conduzir o processo de mapeamento da economia criativa do Brasil com o objetivo de identificar vocações e oportunidades de desenvolvimento local e regional;
VII. Fomentar a identificação, a criação e o desenvolvimento de pólos, cidades e territórios criativos com o objetivo de gerar e potencializar novos empreendimentos, trabalho e renda no campo dos setores criativos;
VIII. Articular e propor a criação de mecanismos direcionados à consolidação institucional de instrumentos legais no campo da economia criativa;
IX. Planejar, coordenar e executar as atividades relativas à celebração e à prestação de contas dos convênios, acordos e outros instrumentos congêneres, inclusive os que envolvam a transferência de recursos financeiros, no âmbito de sua área de atuação;
X. Planejar, propor, formular e apoiar ações voltadas à formação de profissionais e empreendedores criativos e à qualificação de empreendimentos dos setores criativos;
XI. Planejar, propor, formular e implementar linhas de financiamento das atividades dos setores criativos, com vistas ao fortalecimento de suas cadeias produtivas;
XII. Planejar, propor, formular e implementar ferramentas, modelos de negócios e tecnologias sociais de empreendimentos criativos, isoladamente ou em parceria com organismos públicos ou privados;
XIII. Apoiar ações para intensificação de intercâmbios técnicos e de gestão dos setores criativos entre o Brasil e países estrangeiros;
XIV. Instituir programas e projetos de apoio às atividades dos setores criativos, seus profissionais e empreendedores, de modo a promover a articulação e o fortalecimento dos micro e pequenos empreendimentos criativos;
XV. Promover bens e serviços criativos brasileiros em eventos nacionais e internacionais, em articulação com o Ministério das Relações Exteriores.
XVI. Representar o Brasil em organismos e eventos internacionais relativos aos setores e ao desenvolvimento da economia criativa, em articulação com o Ministério das Relações Exteriores.

Fonte: Brasil (2011, p. 44)

Segundo o Ministério da Cultura, no Plano da Secretaria de Economia Criativa, não seria cabível para o Brasil reproduzir o conceito de EC estabelecido pelos outros países, isso porque a realidade dos brasileiros é bem diferente no que diz respeito às áreas política, social, cultural e econômica. Para tanto, seria necessário ampliar o seu significado, adaptando-o às

potencialidades e características do próprio país. Em primeiro lugar, foi preciso pactuar os fundamentos da EC aos princípios da inclusão social, sustentabilidade, inovação e diversidade cultural brasileira (BRASIL, 2011).

A partir de então, foi adotada a expressão “setores criativos” para representar todos os conjuntos de empreendimentos que atuam no campo da EC. Assim, para o Plano da Secretaria de Economia Criativa, “os setores criativos são aqueles cujas atividades produtivas têm como processo principal um ato criativo gerador de um produto, bem ou serviço, cuja dimensão simbólica é determinante do seu valor, resultando em produção de riqueza cultural, econômica e social” (BRASIL, 2011, p. 22).

Em continuidade, a partir desse conceito, os setores criativos não se restringem apenas aos que já são denominados tipicamente, como, por exemplo, a música, a dança, o teatro, a ópera, o circo, a pintura, a fotografia, o cinema; mas também comportam outras atividades e expressões ligadas às mídias, à indústria de conteúdo, ao design, à arquitetura, entre outros, como se verifica a seguir na Figura 1.

Figura 1 – Setores criativos - a ampliação dos setores culturais



Fonte: Adaptado de Brasil (2011, p. 23)

Assim, Deheinzelin (2008, p. 26), corrobora com a ideia de que “de forma sintética, quanto mais interação houver entre os subsectores originados das artes e indústrias criativas e aqueles que se originam da vida comunitária e cultura tradicional, mais rica e diferenciada será a produção em Economia Criativa”.

Portanto, mensura-se que a EC não está vinculada apenas aos setores elencados anteriormente, mas vai além quando se percebe que a vida comunitária faz parte e está totalmente ligada a todos os fatores criativos, pois, se não houvesse a interação social, como as pessoas iriam realizar as atividades e manifestações criativas?

Dessa forma, os quatro vetores que podem transformar o universo da EC são os seguintes:

O turismo (e no fundo todo turismo tem caráter cultural); a vida comunitária (Economia Criativa é mais do que atividade econômica, é fator de interação social); a educação (a educação não-formal tem papel estratégico, pois Economia Criativa para o desenvolvimento está muito baseada nos saberes e fazeres tradicionais) e, fundamentalmente, o setor produtivo de ponta (as novas tecnologias permitem a criação de novos modelos e facilitam não apenas a criatividade como também a distribuição e o acesso) (YUDICE, 2004 apud DEHEINZELIN, 2008, p. 26).

O diferencial da EC é que ela permite que haja não apenas o crescimento econômico, mas ao mesmo tempo a geração do desenvolvimento sustentável e humano. A seguir, são apresentadas algumas características expostas por Deheinzelin (2008, p. 27-29) que demonstram como a EC é muito incluyente:

- A EC não lida apenas com produtos, mas com processos; assim sendo, permite maior sinergia e transversalidade, tão necessárias num mundo em que todos os setores, apesar de interdependentes, ainda não possuem mecanismos para atuação integrada;
- A EC é inclusiva por abordar simultaneamente aspectos intangíveis e tangíveis, pois a cadeia produtiva proposta pela economia (produção-distribuição-consumo) deve ser ampliada para outro modelo, incluyente, que contenha também as etapas intangíveis do processo (como organização setorial, gestão de conhecimento, memória);
- Distribuição, acesso e gestão de conhecimento são áreas-chave na EC por serem áreas altamente estratégicas, uma vez que quem detém seu controle também detém o controle da cultura;
- A EC promove mais oportunidades de geração de trabalho e renda dadas as suas características, com o benefício extra de estar associada à inclusão e à responsabilidade social;
- A EC favorece a diversidade cultural ao incluir o uso de conhecimentos e técnicas tradicionais numa perspectiva contemporânea. Esse é um aspecto fundamental para países em desenvolvimento, já que geralmente têm enormes recursos culturais ainda pouco aproveitados. São saberes e fazeres originários das várias etnias que compõem as nações, de suas práticas tradicionais e (algo novo e muito rico) de todas as populações periféricas que, nas adaptações exigidas por seu cotidiano e potencializadas pela tecnologia, desenvolvem práticas criativas e organizacionais inovadoras;
- A EC tem um largo espectro de formas de organização: do mercado informal e de pequenas e microempresas até grandes corporações multinacionais. Incluir esses vários níveis organizacionais não apenas é necessário (impossível desconsiderar o enorme volume da informalidade e o papel das MPEs), como também conduz a novos modelos organizacionais mais adequados à sociedade e à economia do futuro, como economia

solidária, cooperativismo e gestão compartilhada;

- A EC, por sua multidimensionalidade, é um fator de integração de setores e dimensões da sociedade. Essa integração é fundamental para que mudanças realmente profundas possam ser efetuadas e para obter maior eficiência. O desperdício de recursos, tempo e credibilidade causado pela falta de atuação articulada é um dos fatores mais nefastos na condução de processos de desenvolvimento;
- A EC não está necessariamente ligada à geração de Propriedade Intelectual, mesmo porque este é um conceito que requer alterações profundas. Enquanto ele fazia sentido no século XX, deixa cada vez mais de fazer sentido no XXI, num cenário de convergência tecnológica, de criações baseadas em outras criações, de intenso compartilhamento de conteúdos. Trata-se de um cenário que exige um equilíbrio mais racional entre os direitos do autor e os direitos da sociedade e em que é preciso atenção para áreas fortes da EC (como o artesanato) que têm duplo papel – econômico e social – e não geram propriedade intelectual.

2.2.1 A Criatividade como principal condutor da economia criativa

A criatividade se manifesta de maneiras distintas, e inúmeras são as definições que têm surgido nos últimos anos, permitindo um interesse cada vez mais crescente de instituições das mais diversas áreas. O seu crescimento tem sido algo primordial no cenário econômico, impulsionando grandes transformações na vida atual (VIEIRA, 2013). Seguindo essa perspectiva, “a criatividade é a capacidade inventiva, o gênio inventivo da sociedade para combinar e desenvolver forças produtivas, sob um contexto cultural”, como afirmou Furtado (1984, p. 31). Além disso, algo criativo pode surgir não somente de um aspecto puramente novo, mas também pode ser a releitura de alguma coisa que já existia.

A criatividade estimula a cultura e gera um desenvolvimento que será direcionado para as pessoas, de maneira que irá compor um elemento-chave para a criação de trabalho, inovação e comércio, como também pode somar para a inclusão social, a diversidade cultural e a sustentabilidade ambiental (ONU; UNCTAD, 2010). O potencial criativo humano possibilita a geração de produtos tangíveis através da manipulação de recursos externos e principalmente de recursos internos que são inerentes a cada indivíduo (WINNICOTT, 1975). No tópico a seguir, será apresentado onde se desenvolve esse novo modo de pensar do desenvolvimento econômico e sustentável, através da criatividade como incentivo fundamental para que ele ocorra.

2.2.2 As indústrias criativas e sua propagação

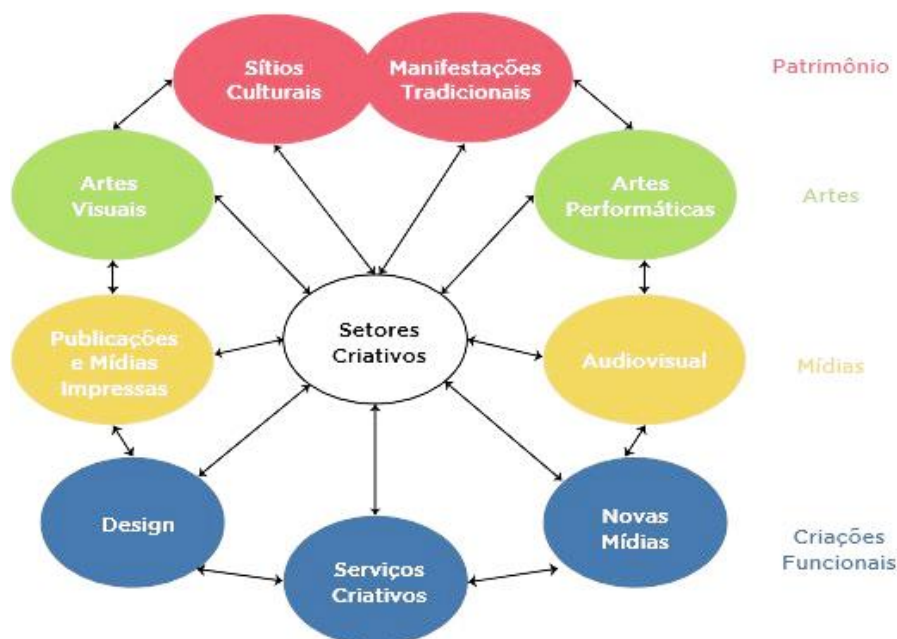
As indústrias criativas surgiram na década de 1990, na Austrália, devido à introdução de novas mudanças no cenário econômico, o qual deixou de se voltar apenas para o setor industrial e passou a olhar para as atividades que eram intensificadas no conhecimento e que estavam presentes nos setores que forneciam os serviços. A princípio, seu conceito surgiu nessa fase de modificação, estando associado aos setores e às atividades que desenvolvem a criatividade nos negócios (BENDASSOLI *et al.*, 2009).

A Secretaria da Economia Criativa – criada pelo Decreto no 7.743, de 1º de junho de 2012, e vinculada ao Ministério da Cultura – declara que os setores criativos são aqueles que em suas atividades produtivas admitem como matérias-primas principais a criatividade e o conhecimento, definidos pela variedade infinita e pela abundância, não pela escassez.

Segundo Serafim *et al.* (2013 apud CARVALHAL; MUZZIO, 2015), a expressão inglesa “creative industries”, ou indústrias criativas, significa um setor que é compreendido como um conjunto de empresas que juntas desenvolvem uma determinada atividade produtiva. Reis (2008) mostra que esses setores são denominados como criativos e partem de uma base alicerçada na criatividade, nas habilidades e no talento individuais, buscando principalmente desenvolver e explorar a capacidade intelectual.

Conforme a ONU e a UNCTAD (2010), pode-se destacar, nas indústrias criativas, quatro grandes grupos de atividades que estão detalhados a seguir:

- Patrimônio – divide-se nos subgrupos de expressões culturais tradicionais (artesanato, festivais, celebrações) e locais culturais (sítios arqueológicos, museus, bibliotecas, exposições).
- Artes – divide-se nos subgrupos de artes visuais (pinturas, esculturas, fotografia e antiguidades) e artes cênicas (música ao vivo, teatro, dança, ópera, circo, teatro de fantoches).
- Mídia – desenvolve as atividades com livros, imprensa e outras publicações no subgrupo editoras e mídia impressa.
- Criações Funcionais – divide-se nos subgrupos de design (interiores, gráfico, moda, joalheria e brinquedos) e novas mídias (software, videogames e conteúdo digital criativo).
- Dessa forma, a Figura 2, mostra como esses grupos são subdivididos e classificados conforme o exposto.

Figura 2 – Classificação dos setores criativos

Fonte: UNCTAD (2008 apud BRASIL, 2011, p. 29)

Essas atividades, por meio de processos, vão gerar produtos constituídos de valores simbólicos com uma grande riqueza cultural e econômica. Além disso, toda a capacidade criativa será transformada, dando forma aos produtos e serviços tangíveis que logo vão ser distribuídos. No decorrer de todos esses processos, será necessário o envolvimento de toda a comunidade que está inserida, de maneira que cada pessoa contribua com seu potencial criativo específico (OLIVEIRA; MARTINELLI, 2013 apud SERAFIM *et al.*, 2013).

O trabalho de Landry (2011) apresenta alguns indicadores de avaliação de um local criativo, conforme segue:

1) contexto político e público; 2) distinção, diversidade, vitalidade e expressão; 3) abertura, confiança, tolerância e acessibilidade; 4) empreendedorismo, exploração e inovação; 5) liderança estratégica, agilidade e visão; 6) talento e perspectiva de aprendizagem; 7) comunicação, conectividade e redes; 8) o lugar e o placemaking (relacionado a planejamento, desenho e gestão do espaço público); 9) habitabilidade e bem-estar; 10) profissionalismo e efetividade. O autor sugere ainda a busca das seguintes qualidades: motivação, tenacidade, consciência, comunicação clara, pensamento aberto, inspiração, aspiração, adaptabilidade, dinamismo, abertura, participação, sensibilidade para o design, apreço sensorial, orgulho profissional, liderança e visão. (LANDRY, 2011 apud CLOSS; OLIVEIRA, 2017, p. 352).

O potencial criativo nessas empresas se reflete no desenvolvimento econômico e sustentável dos locais em que atuam e residem. A seguir, será abordado sobre o desenvolvimento advindo desse potencial criativo por meio de uma intensificação da cultura.

2.2.3 A cultura e seu patrimônio econômico criativo

A cultura como meio criativo de se criar um produto ou serviço exige diferenciação para agregar valor a ele. Dito isso, Keating (1994 apud REIS, 2007) explicita, na passagem abaixo, a importância da cultura para o desenvolvimento econômico:

Esta política cultural também é uma política econômica. A cultura cria riqueza. Definidas de forma ampla, as indústrias culturais geram 13 bilhões de dólares por ano. A cultura gera empregos. Cerca de 336.000 australianos são empregados em indústrias relacionadas com cultura. A cultura agrega valor, ela dá uma contribuição à inovação, ao marketing e ao design. É um crachá da nossa indústria. O nível de nossa criatividade determina substancialmente nossa habilidade de adaptação aos novos imperativos econômicos. É uma exportação cheia de valor por si e uma complementação essencial à exportação de outras commodities. Ela atrai turistas e estudantes. É essencial para nosso sucesso econômico (KEATING, 1994, apud REIS, 2007, p. 10).

É importante destacar que a economia criativa em uma comunidade ou cidade é capaz de promover o desenvolvimento econômico local e, com isso, juntamente, o resgate dos ativos culturais e regionais, como a agricultura, que tem total relação com este estudo por focar numa associação de produtores rurais. Assim, na seção a seguir, será apresentada uma síntese do histórico da agricultura e suas relações com a sustentabilidade.

2.3 A agricultura como meio de sobrevivência humana e criadora de inovações

Sendo considerada a atividade mais antiga do mundo, a agricultura foi o meio mais importante de sobrevivência do homem, que, ao buscar novas estratégias de subsistência, percebeu que, ao cultivar a terra, poderia adquirir condições de manter sua família. Começando de maneira bem rústica, suas plantações eram feitas de forma bem simples, e eles plantavam em seus roçados uma diversidade de espécies para seu próprio consumo (KNOB; DUARTE, 2007).

O homem, vendo que precisava aumentar sua produtividade e melhorar as condições de suas plantações, buscou novas possibilidades para acabar com o aumento das pragas, então passou a utilizar os agrotóxicos.

Knob e Duarte (2007) esclarecem que o uso indiscriminado desses pesticidas destruíam as pragas, mas levavam consigo o maior bem que o ser humano tinha para produzir, que era o meio ambiente, porque provocam não só a contaminação dos alimentos e do solo, como também a contaminação e destruição dos lençóis freáticos, deixando, assim, tanto os alimentos quanto a água impróprios para o consumo.

E com o aumento da contaminação da cadeia alimentar, esta que tem o homem no seu topo, estará comprometendo sua alimentação assim também como sua saúde. Pode-se dizer então, que alguns agrotóxicos podem ser concentrados na cadeia alimentar bem como nos produtos vegetais da agricultura chegando na mesa de nós, consumidores. Para amenizar estes problemas o correto seria a redução do uso de agrotóxicos (KNOB; DUARTE, 2007, p. 10).

Ademais, outro fator que permitiu agravar a degradação do meio ambiente foram os avanços tecnológicos, os quais possibilitaram que o cultivo se estendesse por grandes quantidades de terras, de modo que seria necessário o desmatamento das florestas, o que ocasionou as devastações da fauna e da flora e, conseqüentemente, provocou um grande desequilíbrio ecológico (KNOB; DUARTE, 2007).

Mas como se pensar em desenvolvimento por meio da agricultura se esses métodos estavam acabando com os recursos mais preciosos que há na Terra? Então houve a necessidade de buscar um desenvolvimento voltado para novas práticas com uma nova perspectiva mais ecológica por meio de vias naturais. Dessa forma, procurou-se desenvolver uma agricultura sustentável, a qual será abordada no tópico seguinte.

2.3.1 A economia criativa: problemas ambientais e agricultura sustentável

Considera-se aqui o conceito de sustentabilidade como a busca por agregar os componentes sociais, econômicos, culturais e ambientais a uma estrutura nova que propõe ao ser humano desenvolver de maneira criativa e com o auxílio de novas práticas uma agricultura sustentável que possa melhorar sua qualidade de vida sem comprometer a sobrevivência e o desenvolvimento de outras espécies que compõem o planeta (DAL SOGLIO *et al.*, 2009).

A agricultura sustentável é o manejo e conservação dos recursos naturais e a orientação de mudanças tecnológicas e institucionais, de tal maneira a assegurar a satisfação de necessidades humanas de forma continuada para as gerações presentes e futuras. Tal desenvolvimento sustentável conserva o solo, a água e recursos genéticos animais e vegetais; não degrada o meio ambiente; é tecnicamente apropriado, economicamente viável e socialmente aceitável (ROMEIRO, 1996, p. 1-2).

Atualmente, fala-se muito em problemas ambientais, a exemplo do aquecimento global e do efeito estufa, que ocasionam mudanças e desequilíbrios climáticos. Além desses efeitos, foram abordados no Quadro 4, a seguir, alguns problemas ambientais relacionados à agricultura que ocasionaram impactos na qualidade de vida das pessoas devido à utilização de manejo inconsciente (DAL SOGLIO *et al.*, 2009).

Quadro 4 – Problemas ambientais, escala de abrangência e relações com a agricultura

Problema ambiental	Abrangência do Impacto	Relações com a Agricultura
Mudanças climáticas	Global	Mudanças de áreas de produção, efeito de liberação de gases e uso de petróleo.
Destruição da camada de ozônio	Global	Liberação de gases, especialmente pelo uso de brometo de metila, efeitos sobre a biodiversidade.
Destruição de recursos naturais	Global	Contaminação de água (subterrânea e mananciais), erosão dos solos, uso de agrotóxicos, perda de biodiversidade, desflorestamento e falta de matas ciliares.
Extinção de espécies	Global/Regional	Introdução de espécies exóticas, destruição de habitats, desflorestamento, uso de agrotóxicos.
Perda de biodiversidade	Global/Regional	Introdução de espécies, uso de agrotóxicos, dependência de variedades comerciais, perda de raças animais, monoculturas, desflorestamento e falta de corredores biológicos.
Erosão, acidificação e salinização dos solos	Local	Preparo excessivo dos solos, falta de cobertura, irrigação mal feita, manejo químico dos solos.
Eutrofização das águas	Regional/Local	Erosão dos solos, falta de matas ciliares, uso de agrotóxicos, descarte de resíduos nos rios.
Desertificação	Regional/Local	Manejo errado do solo, desflorestamento, áreas sensíveis, monoculturas, erosão do solo.
Poluição	Regional/Local	Descarte de resíduos, embalagens, uso de agrotóxicos.

Fonte: Dal Soglio *et al.* (2009, p. 21)

Desse modo, Dal Soglio *et al.* (2009, p. 22) expõem que a industrialização da agricultura acarreta, de forma direta e indireta, o aumento desses problemas e, além disso, possibilita o surgimento de grandes perdas no sentido da diminuição na capacidade de produzir algumas culturas que possuem altos preços no cenário alimentício. Para tanto, os autores também assinalam que seria necessário haver a utilização de novas tecnologias voltadas para a agricultura que possam reduzir os prejuízos agrícolas, que são: “técnicas como adubação orgânica, cultivos de cobertura (adubos verdes), rotação de cultivos, policultivos, plantio direto e eliminação de agrotóxicos e de insumos dependentes de petróleo”.

Por conseguinte, faz-se necessário que a agricultura seja transformada por via dupla, sendo disseminada tanto por meio da introdução de políticas públicas quanto por intermédio da mudança consciente da sociedade. Nesse cenário agrícola percebe-se que há várias formas de se produzir, alguns prejudicando mais o meio ambiente e outras menos. Desse modo, ressalta-se a necessidade de distinguir os dois tipos de culturas predominantes, que são a monocultura e a policultura. A seguir, será exposto o conceito de monocultura, abordando-se seus impactos no contexto ambiental.

A monocultura é entendida, em linhas gerais, como sendo o cultivo de apenas um tipo de produto agrícola, como se pode considerar a plantação extensiva de soja. O termo também pode ser considerado como a criação de apenas uma espécie animal, a exemplo do gado (SOUSA, 2020). A autora ainda menciona que alguns métodos utilizados pela agricultura podem causar danos ao meio ambiente, e a monocultura se insere nesse meio de práticas que

causam danos ecológicos. Isso porque, para o seu cultivo, se fazem necessárias grandes extensões de terra, sendo preciso utilizar grandes quantidades de produtos químicos para o preparo do solo, como também para o combate às pragas que surgem.

Em decorrência desses problemas, outras consequências podem ser desencadeadas, a exemplo da questão da poluição dos lençóis freáticos em face da aplicação de grandes quantidades de agrotóxicos e fertilizantes no solo; da exaustão do solo pelas repetidas vezes em que é feito o cultivo do mesmo plantio, gerando, com isso, o empobrecimento do solo em certos nutrientes; além da vasta devastação das florestas e da extinção de plantas e animais devido ao desmatamento dos territórios que serão transformados em plantios, citando-se, ainda, as mudanças climáticas.

Nesse sentido, Camacho (2016, p. 3) esclarece que “[...] a monocultura, característica do agronegócio, fragiliza a biodiversidade, colaborando no aumento de pragas, devido à homogeneização do ecossistema. O uso de agrotóxicos polui o solo e a água destruindo a nossa biodiversidade”. A partir dessa compreensão, observa-se que, além de gerar desastres ecológicos de maneira direta para todos os seres vivos, a monocultura causa também prejuízos para o ser humano de forma indireta devido à grande exploração da natureza na busca por mais acumulação de riquezas. Logo, a vida humana pode estar ameaçada:

O custo dessa exploração da natureza e das pessoas junto ao consumismo desenfreado foi pago pelo sacrifício de milhões de trabalhadores pobres, camponeses, indígenas, pastores, pescadores, e outras pessoas pobres da sociedade, que entregam suas vidas a cada dia. E pela agressão permanente da natureza que foi e continua sendo sistematicamente devastada. Sua integridade e a diversidade de formas de vida, que são o sustento da biodiversidade, estão ameaçadas. E, se a natureza de nosso planeta está ameaçada, está ameaçada a própria vida humana, que depende dela (STEDILE *et.al.*, 2006 apud CAMACHO, 2016, p. 7).

Diante desse cenário, as comunidades de pequenos agricultores foram então em busca de meios que permitissem sua sobrevivência e de toda uma geração. Mesmo sabendo que eram pequenos, acreditavam que podiam desenvolver com preservação e respeito uma cultura diferenciada, na medida em que não almejavam obter lucro, mas, sim, o reconhecimento de seus direitos como trabalhadores que procuravam trazer o equilíbrio ambiental (CAMACHO, 2016). A seguir, será abordada a policultura, a qual se contrapõe à monocultura, pois aquela visa se desenvolver por meio de uma agricultura sustentável, ao passo que esta desencadeia desastres ecológicos.

A policultura é caracterizada pelo cultivo de diversos produtos agrícolas, sendo que tais produtos podem ser cultivados de forma simultânea ou pelo método de rotação de terra (ÁVILA, 1972; SOUSA, 2020).

Ademais, Ávila (1972) destaca as vantagens de se produzir com o modelo de policultura:

- garante maior estabilidade econômica à família, à região ou à nação inteira;
- associa-se mais facilmente ao regime da propriedade rural familiar, beneficiando-se de suas vantagens;
- facilita a melhor conservação do solo, que não se esgota pelo cultivo de um só produto;
- permite uma maior complementaridade na produção mais diversificada para atender melhor às exigências do consumo.

No Quadro 5, são apresentadas as diferenças existentes em se produzir por meio da monocultura ou da policultura.

Quadro 5 – Diferenças entre Monocultura X Policultura

Monocultura	Policultura
Cultivo ou criação de uma única espécie agrícola ou animal.	Cultivo de diversas espécies vegetais ou animais em uma mesma área.
Realizada em grandes latifúndios.	Realizada por pequenos produtores rurais em pequenas extensões de terra.
Produção voltada para exportação.	Produção voltada para o abastecimento interno e para a subsistência.
Associada à mão de obra escrava.	Associada ao trabalho familiar.
Provoca diversos danos ao meio ambiente.	Forma sustentável de produção agrícola.
Maior emprego tecnológico.	Menor emprego tecnológico.

Fonte: Adaptado de Sousa (2020)

As espécies cultivadas, pelo método da policultura, possuem ciclos curtos e médios que possibilitam a rápida colheita, o que proporciona a manutenção do solo para novamente ser utilizado; além dessa característica, uma das vantagens relacionadas por Novais (2018) à policultura é que o produtor terá maior segurança tanto alimentar quanto econômica, pois, com a plantação de vários produtos, caso haja mudanças climáticas ou até mesmo a redução do preço de uma determinada cultura, ele estará amparado pela plantação dos outros produtos, certificando-se, assim, de sua estabilidade financeira.

Ainda segundo o autor citado anteriormente, a policultura pode ser considerada como uma agricultura alternativa, a qual possibilita que a produção orgânica seja disseminada e implementada como uma forma econômica e ecologicamente mais viável.

A agricultura orgânica tem como objetivos a autossustentação da propriedade agrícola no tempo e no espaço, a maximização dos benefícios sociais para o agricultor, a minimização da dependência de energias não renováveis na produção, a oferta de produtos saudáveis e de elevado valor nutricional, isentos de qualquer tipo de contaminantes que ponham em risco a saúde do consumidor, do agricultor e do meio ambiente, o respeito a integridade cultural dos agricultores e a preservação da saúde ambiental e humana (AZEVEDO, 2012, apud NOVAIS, 2018, p. 43).

Por essa perspectiva, entende-se que a policultura foi uma medida adotada em contrapartida à monocultura. Pois, no mesmo viés da agricultura sustentável, esse novo modo de se produzir de maneira viável ecologicamente utiliza-se de manejos agrícolas que não operam com a manipulação de fertilizantes e agrotóxicos em sua produção. O qual passou a se desenvolver, ainda que de forma tímida, por pequenos produtores, geralmente familiares (RUA, 2016).

No tópico a seguir, será abordado o conceito do que são as associações e o cooperativismo e suas relações no âmbito econômico e social.

2.3.2 O papel das associações comunitárias no desenvolvimento econômico e social

As associações são criadas a partir da junção de pessoas que se organizam com a finalidade de promoverem um bem comum, sendo elas sem fins econômicos, como, por exemplo, as associações voltadas para fins culturais, religiosos, piedosos, científicos, literários, esportivos, recreativos, morais etc. Assim, de acordo com o Ministério Público de Minas Gerais (MPMG, 2010), as associações comunitárias ou de bairro são aquelas que objetivam organizar e centralizar forças de moradores de um determinado grupo para representar, de maneira mais eficaz, interesses comuns. Cada integrante da associação é denominado como associado, e os demais membros da sociedade são chamados de sócios. Assim, verifica-se que no “Art. 53: Constituem-se as associações pela união de pessoas que se organizam para fins não econômicos. Parágrafo único. Não há, entre os associados, direitos e obrigações recíprocas” (FILHO, 2004, p. 42).

O surgimento de uma associação é motivado pela necessidade de se adquirir melhores condições que não foram atendidas pelas políticas públicas no que tange aos setores de educação, segurança, lazer, infraestrutura, entre outros (MPMG, 2010). Além disso, as associações não precisam de autorização governamental para sua criação e não sofrem qualquer interferência de Estado em seu funcionamento, como expõe Filho (2004, p. 44): “Dispõe a constituição, na declaração dos direitos fundamentais (art. 5º): XVIII- a criação de associações, e na forma da lei, a de cooperativas, independem de autorização, sendo vedada a interferência estatal em seu funcionamento”.

As associações comunitárias são criadas mediante inscrição dos respectivos atos constitutivos no Cartório de Registro Civil de Pessoas Jurídicas. Entende-se por ato constitutivo a ata da reunião em que foi decidida a criação da entidade, a qual deverá observar os requisitos do art. 46 da Lei de Registros Públicos (Lei 6.015/73) e deve ser assinada por todos os fundadores. A ata deverá ainda conter o estatuto que regerá o funcionamento da associação (art. 54 do Código Civil), bem como a relação dos

membros eleitos para integrar os seus órgãos. Segundo disposto no art. 1º, § 2º, da Lei 8.906/94, os atos constitutivos de pessoas jurídicas devem ser assinados por advogado. Depois de registrar os atos institucionais em cartório, os dirigentes da associação deverão providenciar a inscrição no Cadastro Nacional das Pessoas Jurídicas (CNPJ), depois do que a entidade estará legalmente constituída (MPMG, 2010, p. 7).

Concomitante, as associações necessitam no mínimo apresentar três órgãos essenciais, que são destacados pelo Ministério Público de Minas Gerais (2010):

- Assembleia Geral, que definirá as questões de maior importância para a entidade (para realizar uma Assembleia Geral, é necessário convocar os associados, nos termos do estatuto da entidade, que votarão os assuntos colocados em discussão);
- Órgão executivo, ou seja, Diretoria, que vai gerir a associação e representar seus associados;
- Conselho Fiscal, órgão de controle interno que fiscaliza os atos de gestão da entidade.

Em consonância com o exposto, uma organização comunitária bem organizada e que represente de forma efetiva os interesses da comunidade poderá ser uma referência no amparo dos direitos, instigando a participação e o interesse das pessoas pela política e pelas mobilizações por melhores condições de vida da população em geral (SARTORI; LIMA, 2018).

As associações são um fator de grande importância no progresso de uma nação. Dessa maneira, alguns psicólogos mostram em seus estudos que as associações voluntárias se apresentam como algo que pode inovar no processo de organização da vida coletiva (BERNARDO, 2002).

As associações tinham contribuído para o estudo e investigação dos melhoramentos agrícolas, sublinhavam-se a excelência dos recursos agrícolas nacionais e o efeito estimulante das associações agrícolas sobre esses mesmos recursos (BERNARDO, 2002, p. 7).

No tópico seguinte, serão apresentados, de forma sucinta, aspectos acerca do surgimento e da desenvoltura do cooperativismo no Brasil.

2.3.3 O cooperativismo

De acordo Ertzogue (1996), o cooperativismo no Brasil deu-se início no Rio Grande do Sul por meio de um padre jesuíta, Théodor Amstadt, o qual com sua influência buscou disseminar as bases do cooperativismo em uma associação de agricultores rio-grandenses. Ele usou a catequese religiosa para propagar um sistema de crédito cooperativista, com a ideia de organizar uma caixa de crédito rural. Assim, Amstadt fundou a primeira instituição

cooperativista em 28 de dezembro de 1902, a chamada Cooperativa de Crédito Rural Nova Petrópolis Ltda – COOPERURAL.

Foi a partir de então, com a criação da Lei no 1.637, de 5 de janeiro de 1907, que regulamenta a organização das cooperativas no país, que houve o impulsionamento do movimento cooperativista. O autor em questão ainda define a unidade cooperativa como sendo “a corporificação de um princípio: ‘a união faz a força’, mediante a associação de pessoas que, conjugando esforços e recursos, visam solidariamente, superar os problemas comuns” (ERTZOGUE, 1996, p. 116).

Após o esclarecimento desses conceitos, que serviram de subsídio para a criação das categorias e elementos das análises e resultados desse estudo, a seguir será apresentada a metodologia que amparou o desenvolvimento desta pesquisa.

3 METODOLOGIA

A abordagem do problema da pesquisa foi qualitativa porque se buscou compreender e elucidar o fenômeno estudado, por meio de uma perspectiva que permitiu a coleta das informações com mais profundidade, abrangência e foco nos significados que os sujeitos atribuem ao objeto, bem como captar, por meio de suas falas, os sentimentos e elementos ocorridos na associação e no ambiente em que estão inseridos.

Isso porque, como expõe Câmara (2013), a pesquisa qualitativa proporciona um suporte no que diz respeito à coleta dos dados fundamentais para melhor compreender os laços existentes entre os sujeitos e os meios em que estão situados, garantindo que todos os comportamentos e valores sociais, como, por exemplo, motivações, crenças, atitudes, entre outros, sejam compreendidos. Esse método é apresentado pela descrição das práticas sociais, pelo modo de vida e pelo ambiente em que vivem os participantes. Portanto, para responder à questão de pesquisa, entendeu-se que foi o procedimento mais adequado.

A pesquisa foi classificada em dois aspectos: quanto aos fins e quanto aos meios, com base na taxonomia abordada por Vergara (2008), observando que, quanto aos fins, foi exploratória e descritiva: exploratória porque permite que seja realizado um estudo para a familiarização do pesquisador com o objeto da pesquisa, bem como possibilita a utilização de levantamento bibliográfico, entrevistas e pesquisas de campo.

Descritiva porque foi preciso descrever e ter um aprofundamento das características da associação e da relação que ela possui com a EC, como expõe Vergara (2008), visando mostrar as características de determinada população ou de determinado fenômeno e mostrando as relações existentes entre as variáveis, mas sem o intuito de explicá-las. Além disso, Gil (2017) também corrobora que a pesquisa descritiva busca conhecer a natureza, a composição e como se constituem os fenômenos, fazendo um levantamento de crenças, atitudes e opiniões de uma comunidade.

Quanto aos meios, o estudo teve como base a pesquisa de campo, pois houve a necessidade de ir a campo, ou seja, se inserir na realidade dos sócios da UNIAGRO, para colher todos os dados necessários ao desenvolvimento do trabalho. Para Vergara (2008), a pesquisa de campo é uma averiguação baseada na experiência, sendo desenvolvida no ambiente onde ocorre ou ocorreu um fato ou apresenta meios para explicá-los, podendo ser realizadas entrevistas e observação participante. Dessa forma, a pesquisa foi conduzida na Associação Comunitária União dos Estudantes e Agricultores do Estado de Sergipe (UNIAGRO), localizada no Município de São Domingos, no povoado Lagoa.

Os dados da pesquisa foram coletados por meio da técnica de Grupo Focal, doravante neste trabalho, identificada por GF. Optou-se por essa técnica devido ao fato de proporcionar um aprofundamento dos dados por meio da influência mútua do grupo, visando conhecer a fundo como a associação se desenvolveu, suas características, suas necessidades, além de visualizar como os sócios eram organizados na associação e a forma como eles se desenvolviam e se relacionavam.

Além disso, o GF possibilita, conforme explicaram Prates *et al.* (2015), a junção de indivíduos com características comuns em um grupo, com o propósito de discutirem sobre um determinado tema específico. Essa técnica³ consiste na coleta das informações realizada por meio de entrevistas em grupo direcionadas por um moderador, o qual também pode ser o pesquisador. Por meio desse método, é realizado um debate em que cada integrante do grupo expõe ideias, experiências, sentimentos e pontos de vista sobre o assunto em questão.

Esse é um pensamento corroborado por Lopes *et al.* (2010) ao explicarem que essa técnica é distinta das demais por se tratar de algo que procede por meio de interações grupais, em que o debate possibilita que cada indivíduo sofra a interação com os outros participantes, desenvolvendo-se desse modo as trocas e descobertas intrínsecas a cada pessoa.

O estudo foi desenvolvido em apenas uma sessão grupal, no mês de fevereiro de 2020, na sede da UNIAGRO. O desenvolvimento do GF está descrito nas seguintes etapas: planejamento, ambientação, recrutamento, sessão grupal, avaliação e tratamento dos dados.

- Planejamento

O planejamento se faz necessário e indispensável para a coleta das informações, bem como na obtenção dos resultados. Nesta pesquisa, foram contactados 6 (seis) sócios, sendo eles quatro indivíduos do sexo masculino e dois do sexo feminino. Para Gondim (2003), estima-se que o tamanho do grupo esteja variando entre 4 a 10 indivíduos, contudo isso irá depender do quanto os sujeitos se propõem a interagir a depender do assunto – se instiga interesse ou não para o debate.

Buscando-se preservar o sigilo e a identidade dos participantes, todos foram denominados como sujeitos, sendo apenas distinguidos pela ordem numérica.

³ Nessa técnica, por meio da integração grupal, é possível compreender como são construídas as percepções, práticas cotidianas, representações e simbologias de um determinado grupo. Pela técnica, produzem-se discussões grupais que permitem compreender a forma como os indivíduos veem o mundo e suas diferentes experiências de vida (PRATES *et al.*, 2015, p. 2484).

Para a escolha dos participantes, foram realizadas algumas visitas à associação, depois foi explicado para o presidente da associação o projeto da pesquisa, e o presidente fez a escolha dos participantes que possuíam mais tempo de contribuição e existência na UNIAGRO.

Foi planejada apenas uma sessão (encontro), na qual se pôde contar com uma coordenação composta por uma moderadora (graduanda, autora da pesquisa), que orientou e conduziu o encontro, norteando os objetivos propostos e as etapas a serem percorridas, e por outros dois colegas que foram convidados para auxiliar, dando suporte tanto no quesito gravação quanto na organização do ambiente e na oferta dos lanches.

- Ambientação

Foram realizadas algumas visitas à sede da UNIAGRO para conhecer suas propostas, se familiarizar com os sócios, bem como verificar a organização do ambiente e a possibilidade da realização do estudo naquele local. Percebeu-se que o estudo era viável tanto para os associados quanto para a pesquisadora, pois esta analisou as possibilidades e constatou que seus objetivos seriam correspondidos, ao passo que aqueles queriam mostrar a importância de seus trabalhos e de suas condutas.

Posteriormente, a pesquisadora voltou a conversar com o presidente da associação sobre a escolha de um local, na associação, que fosse mais favorável para a realização do GF, ficando acordada a realização do encontro no pátio da UNIAGRO, que era um ambiente aberto e bem iluminado. Como citam Ressel *et al.* (2008), deve haver uma preocupação com o ambiente onde será realizada a entrevista, o qual necessita ser agradável e confortável para que os entrevistados sintam-se bem, tendo também a oferta de lanches que possam ser degustados no decorrer da entrevista⁴.

- Recrutamento

O dia do encontro foi marcado via telefonema com todos os sujeitos anteriormente definidos pelo presidente, sendo acordado com os participantes o dia e o horário em que todos pudessem estar presentes. Como expõem Ressel *et al.* (2008), o encontro com o grupo deve ser

⁴ Neste dia, a temperatura estava muito elevada, e, mesmo sendo um local aberto, os sujeitos estavam se sentindo incomodados com o calor, contudo as gravações não foram prejudicadas, e as falas puderam ser transcritas de forma clara (observações do diário de bordo).

realizado em local determinado e previamente agendado, considerando-se a disposição dos participantes. Assim, ficou estabelecido um dia de domingo, pela tarde, em que todos os participantes estavam sem trabalhar e poderiam ir para o debate sem qualquer dispêndio. No dia anterior ao encontro, a pesquisadora ligou novamente para todos os sujeitos com o propósito de confirmar a data e o local e ter a ratificação deles quanto à presença na sessão grupal.

Os sujeitos ficaram organizados em círculo, de modo que todos puderam interagir, compondo um mesmo campo de visão, seguindo o exposto por Ressel *et al.* (2008), que dizem que, para que haja um contato maior entre os participantes do GF, todos devem ficar distribuídos em um círculo, possibilitando, com isso, que cada um possa ser visualizado de maneira geral, sem que ninguém fique constrangido no momento de falar.

- Sessão grupal

A sessão grupal realizou-se inicialmente com a abertura, na qual os participantes foram recepcionados. Foram feitos os agradecimentos pela participação dos sócios e a apresentação da pesquisadora e de seus colegas, bem como do objetivo da pesquisa. Na sequência, os participantes se apresentaram. Além disso, a moderadora mostrou a temática e exibiu as questões de debate para o grupo. Salientou-se a importância do acordo dos participantes e da equipe de coordenação, evidenciando o caráter confidencial da pesquisa. Por fim, foi feita a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelos participantes.

Para o desenvolvimento da pesquisa, foi utilizado um roteiro que orientou o processo do grupo focal, o qual consta no Apêndice A deste estudo, além de conter perguntas norteadoras que permitiram o contínuo debate sobre o objetivo da pesquisa. Houve ainda uma total flexibilidade, de forma a garantir que a moderadora pudesse, ao longo do encontro, fazer ajustes necessários nos tópicos que tivessem relevância para os participantes, como é enfatizado por Ressel *et al.* (2008), uma vez que, para a realização da entrevista, o moderador necessita se portar de um guia com perguntas pertinentes ao tema, podendo realizar intervenções durante o debate, com o intuito de manter a constância do conteúdo proposto no GF.

Além das observações verbais que foram gravadas, foram observadas e anotadas no diário de bordo as manifestações não verbais que pudessem auxiliar no momento da análise dos dados e que consistiam em ferramentas pessoais para anotações da moderadora sobre elementos subjetivos, percepções, impressões pessoais e sentimentos de família e de pertencimento expressados pelos participantes para com a associação, elementos esses que foram visualizados em todo o decorrer da pesquisa do GF.

A duração do encontro foi de aproximadamente uma hora e meia, permitindo que as informações produzidas fossem suficiente e atendessem a todos os requisitos para a análise, seguindo a recomendação de Prates *et al.* (2015) no sentido de que as sessões tenham uma duração entre uma a duas horas, de modo que os encontros gerem as informações necessárias indispensáveis para uma análise de qualidade, procurando-se evitar desgaste mental e cansaço nos integrantes da pesquisa, além da distribuição de lanches e da promoção de uma boa conversa entre os participantes.

Ao final, também foi feita uma entrevista com perguntas semiestruturadas, de acordo com o Apêndice B, apenas com o presidente da associação, o qual buscou responder a algumas indagações referentes às características internas pertinentes ao setor administrativo da UNIAGRO, com a finalidade de atender ao objetivo específico de fazer uma descrição mais clara e ampla das especificações da associação, bem como de sua atuação no cenário econômico do município.

Todas as verbalizações dos integrantes foram gravadas e posteriormente transcritas na íntegra, e as informações adquiridas foram analisadas e interpretadas por meio da análise de conteúdo, a qual visa captar as características essenciais, os significados, as convergências e as divergências dos conteúdos produzidos pelos entrevistados (CARVALHAL; MUZZIO, 2015, apud BARDIN, 2008).

- Avaliação

No término da sessão, foi realizada uma pergunta, encontrada no Apêndice A, a qual permitiu que os sujeitos pudessem expressar o que acharam do encontro e o que poderia ser agregado. Todos acharam agradável e satisfatória a realização desta pesquisa na UNIAGRO, pois isso pôde trazer mais notoriedade para a associação, além de denotar a importância da troca de informações, conhecimentos e experiências entre os participantes.

- Tratamento das informações

O tratamento das informações foi desenvolvido por meio da técnica de análise de conteúdo. Esse procedimento de análise mostra-se como o mais pertinente para uma melhor interpretação, uma vez que, com o auxílio de suas técnicas, proporcionará uma compreensão crítica das manifestações da comunicação, sejam elas explícitas ou ocultas (MOZZATO; GRZYBOVSKI, 2011).

As informações coletadas passaram por um processo de análise, seguindo uma técnica proposta por Bardin (2011) para a análise de conteúdo, técnica dividida em três fases: 1) pré-análise, 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Na primeira fase, as informações foram organizadas de maneira a serem operacionalizadas, ou seja, foram organizadas em quatro etapas: a) leitura flutuante, que é o momento em que se passa a conhecer o texto, (b) escolha dos documentos, em que se demarca o que realmente será utilizado, (c) formulação das hipóteses e dos objetivos, (d) referenciação dos índices e elaboração de indicadores, sendo esta a etapa em que os indicadores serão determinados por meio de recorte dos textos nos documentos de análise.

Na segunda fase, foi realizada a descrição analítica, de maneira que qualquer material ou texto coletado passou por um estudo aprofundado, delineado pelas hipóteses e referências teóricas; para tanto, são pertinentes a essa fase a codificação, a classificação e a categorização, sendo essa fase muito importante, pois o material será explorado e posteriormente gerará interpretações e inferências (BARDIN, 2006).

Na terceira fase, foram efetivados o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação, ou seja, as informações foram resumidas e delimitadas pela pesquisadora com vistas ao que realmente se buscava analisar e interpretar. Nessa etapa, realizou-se a intuição e a análise reflexiva e crítica, contudo, segundo Bardin (2011), a análise de conteúdo não deve necessariamente ser seguida de forma rigorosa, ao pé da letra, mas, sim, de maneira flexível e obedecendo à técnica proposta.

Sendo assim, foram feitos alguns recortes das falas dos sócios que haviam sido colhidas no GF. Esses recortes foram feitos depois da realização das transcrições de cada sujeito. Em seguida, foi efetuada uma leitura flutuante, escolhendo-se, posteriormente, as categorias, as quais surgiram a partir das hipóteses e das questões norteadoras refletidas do tema da pesquisa (CÂMARA, 2013).

Desse modo, os temas que mais se repetiram foram recortados e categorizados. Prosseguindo, foram apresentados quadros matriciais gerados a partir da categorização⁵ feita com base nas verbalizações dos sujeitos, como também por meio dos conceitos apresentados no referencial teórico, destacados no Quadro 6.

⁵ Após a elaboração das categorias sínteses, passa-se à construção da definição de cada categoria. A definição pode obedecer o conceito definido no referencial teórico ou ser fundamentada nas verbalizações relativas aos temas, ambos, título e definição, devem ser registrados nos quadros matriciais (BARDIN, 2011, apud CÂMARA, 2013, p. 187).

Quadro 6 – Categorização

Categorias
UNIAGRO - empreendimento criativo
Produção sustentável
Melhoria da qualidade de vida dos associados
Melhoria da geração de renda dos sócios
Mudança de cultura agrícola
Capacitação profissional
Políticas públicas para a UNIAGRO
Relação dos sócios com a UNIAGRO

Fonte: Elaboração própria, dados da pesquisa (2020)

Após as observações e leituras de todo o material, foram obtidas as interpretações e inferências, como descritas por Bardin (2011), e que serão apresentadas no Capítulo 4 (quatro).

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Conforme exposto no capítulo da metodologia, aqui apresenta - se as informações colhidas com o GF, bem como as discussões feitas por meio da análise de conteúdo proposta por Bardin (2011). Este capítulo está dividido em três partes: a primeira mostra de forma sintética as características da cidade em que está situada a associação, delineando seu surgimento, os habitantes, o PIB e o IDHM, atendendo, com isso, ao objetivo específico relacionado à caracterização do Município de São Domingos e seus aspectos econômicos.

Na segunda parte, por meio da entrevista semiestruturada realizada com o presidente da associação, foram colhidas informações que descrevem e caracterizam a UNIAGRO, mostrando como foi seu início e seu desenvolvimento, além de projetos e atividades que realizavam, suas práticas referentes à mudança de cultura agrícola, bem como seu entrosamento como associação, atendendo, dessa forma, ao objetivo voltado para a descrição da UNIAGRO no contexto econômico e sustentável local.

E, na terceira parte, e não menos importante, tendo em vista a relevância do tema para a sociedade, apresentada - se as transcrições das verbalizações dos sujeitos, as quais foram analisadas e exploradas, sendo distribuídas em 8 quadros matriciais de categorias: Empreendimento Criativo, Produção Sustentável, Melhoria da Qualidade de Vida dos Associados, Melhoria da Geração de Renda dos Sócios, Mudança de Cultura Agrícola, Capacitação Profissional, Políticas Públicas para a UNIAGRO, Relação dos Sócios com a UNIAGRO, os quais posteriormente foram tratados, sendo feitas interpretações e inferências relacionando a teoria da Economia Criativa e seu desenvolvimento sustentável.

4.1 Caracterização do município de São Domingos

São Domingos surgiu em 1924, com a feira da Pindoba, por intermédio de um morador, José Curvelo da Conceição, que teve a iniciativa de criar uma vila para não ter de se deslocar até a cidade de Campo do Brito, que era anteriormente a sede do município, se desejasse adquirir algum tipo de mantimento. A partir de então, São Domingos foi desmembrado de Campo do Brito e constituído como Município pela Lei Estadual nº 1.213, de 21 de outubro de 1963, sendo fundado como distrito-sede e instalado em 21 de fevereiro de 1965 (IBGE, 2017). Atualmente, o município, que se encontra às margens do rio Vaza-Barris, apresenta 101,999 km² de unidade territorial, sua população é de 10.271 habitantes e possui uma densidade demográfica de 100,23 hab./km².

Em 2016, o salário médio mensal dos trabalhadores formais era de 1,6 salários mínimos, apresentando um PIB per capita de R\$ 9.067,23, e suas receitas oriundas de fontes externas [2015] somam 96,7%; além disso, seu Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) é de 0,588, que, se comparado a outros municípios sergipanos, é classificado como baixo. Hoje, São Domingos é considerada uma das maiores produtoras da farinha de mandioca do Estado de Sergipe, exportando para Aracaju, Lagarto e até para São Paulo (IBGE, 2017).

De acordo com dados apresentados pelo IBGE (2017), na cidade existem cerca de 22 entidades sem fins lucrativos, 5 unidades de fundações privadas e associações, sendo que apenas 3 pessoas estão ocupadas e assalariadas nessas entidades somente uma pessoa nas fundações privadas e nas associações sem fins lucrativos.

4.2 Caracterização da UNIAGRO

Atendendo-se aos objetivos específicos sobre a descrição da UNIAGRO no contexto econômico e sustentável local e as características existentes na associação que condizem com a economia criativa, a Associação Comunitária União dos Estudantes e Agricultores do Estado de Sergipe (UNIAGRO) foi fundada em 23 de julho de 2009 por filhos desse município e com atuação de agricultores familiares. Seu principal objetivo era procurar partilhar ideias em comum, juntando as experiências do saber popular com os estudos teórico-científicos, e assim organizar o setor produtivo local através da adição de novas tecnologias e de um modelo de gestão que resolvesse os gargalos existentes na comercialização e produção das culturas agrícolas locais.

Dentre as atividades agrícolas desenvolvidas pelos associados, destaca-se o cultivo de frutas e hortaliças, uma vez que essas culturas têm ganhado grande importância devido à geração de emprego e renda, proporcionando, conseqüentemente, maior qualidade de vida, como também garantindo a fixação do homem no campo.

Atualmente, a instituição envolve no sistema produtivo 43 famílias e indiretamente mais de 160 famílias, associadas e não associadas, principalmente no período da produção de frutíferas, já que se trata de uma cultura em que a colheita é constituída de forma manual, contando assim com grande empregabilidade. No momento, a associação tem como canais de comercialização o Programa de Aquisição de Alimento – PAA – e o Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE –, como também a participação na feira livre local.

Durante os últimos dois anos, a associação realizou diversas ações, tais como:

- Assistência técnica aos associados;
- Capacitação voltada para gestão e boas práticas de produção;
- Comercialização junto ao Programa de Aquisição de Alimento – PAA;
- Comercialização junto ao Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE;
- Ações sociais, como, por exemplo, doação de cesta básica;

A criação da UNIAGRO veio, por meio de suas novas práticas, mudar a cultura que há muitos anos se tinha estabelecido e que para o presente momento não se apresentava como o meio mais viável para a geração de renda da população são dominguense. Isso porque a cidade de São Domingos se apresentava no cenário econômico com apenas o cultivo de uma monocultura, que era a mandioca, a qual seria transformada em farinha e posteriormente seria disponibilizada para um atravessador que arrecadava um valor muito pequeno pelo produto.

Além de ser um produto barato, a farinha de mandioca dispõe de um ciclo muito longo para ser distribuída para o mercado, portanto essa cultura não era considerada como uma forma viável de obtenção de renda. Ademais, a pecuária se manifestava como outro meio de obtenção de renda para a população, contudo, por se tratar de algo que requer grandes custos e muito tempo para a obtenção de retornos, também não seria uma boa opção viável para se obter renda.

Desse modo, buscando proporcionar não só melhoria na renda para a população, a associação também introduziu uma nova cultura agrícola, a policultura, para as pessoas produzirem e poderem comercializar seus produtos de forma justa, além de agregar conhecimento e aprendizado para os agricultores.

Com o surgimento da UNIAGRO, houve uma diversificação na cultura agrícola, foram agregados projetos para a associação, como, por exemplo, o projeto de agroindustrialização coletiva de polpas de frutas no Território Sertão Ocidental de Sergipe, com o auxílio de um agrônomo. Há também projetos sociais que fornecem cestas básicas para a população mais carente, ocorre distribuição de verduras e hortaliças para as pessoas e houve a criação do projeto Feira da Agricultura Familiar, em que foram disponibilizadas barracas para os associados venderem seus produtos na feira livre da cidade.

E não é só isso, o projeto Vida Mais Doce proporcionou aos produtores de mel equipamentos especializados para o manejo e a comercialização de seus produtos. Com a introdução desses projetos no município, houve a agregação de valor para a cidade por meio do cultivo da cultura hortifrúti, como também se gerou emprego e renda para a população, além de melhorias no comércio e na economia da cidade.

Com base no exposto, percebe-se que a UNIAGRO foi algo inovador no município, pois pôde mostrar seu potencial nos termos de mudança de cultura agrícola para o melhoramento e o desenvolvimento da renda dos associados, bem como dos que estão agregados a eles, como também buscou mostrar seu poder como uma associação que visa disseminar o conhecimento e melhorar a qualidade de vida das pessoas a seu redor, podendo-se observar ressonância no enunciado de Bernardo (2002) quando diz que as associações voluntárias se apresentam como algo que pode inovar no processo de organização da vida coletiva.

4.3 Apresentação do grupo focal, análise e discussão dos resultados

Foi realizada a transcrição das gravações do GF, bem como a leitura, consecutivamente a categorização e por fim as análises. Tem-se, no Quadro 7, a categoria relacionada à EC no que diz respeito a empreender de forma criativa no que tange ao cenário da associação.

Quadro 7 – Categoria: UNIAGRO - Empreendimento criativo

Exemplos de verbalizações do GF	
Sujeito 1	<i>Sim. Torna sim diferente. Certo, empreender. Porque antes nós plantávamos sem direcionamento e hoje sim nós temos direção como plantar, entendeu? Como conduzir essa planta porque nós temos assistência técnica, a resposta vem daí porque antes a gente não tinha noção de como plantar, como cultivar etc. e tal, e hoje nós temos, então eu acho que cada agricultor tá aprendendo, tá empreendendo, tá investindo mais em suas culturas porque sabe que, se investir mais, o lucro também será maior, então hoje vale a pena você empreender, sim, de acordo com a orientação da associação, entendeu? Aquela velha resposta, quem realmente seguir a cartilha da UNIAGRO eu acredito que tem mais oportunidade, mais chance de estar empreendendo melhor de tá tendo um melhor resultado. Está sendo diferente. Foi e está sendo diferente. Então, quando você planta que você tem um direcionamento e tem alguém que tá te acompanhando, acredito que sim a coisa tá andando, está melhorando a cada dia que passa, e a cada ano que passa as coisas tá ficando melhores para a agricultura de São Domingos. Antes não tínhamos direcionamento pra quem vender a produção e hoje nós temos, dentro dos planos governamentais, nós temos pra quem vender.</i>
Sujeito 2	<i>É. Foi, né, algo diferente que antes não tinha isso aqui, hoje tem. Então eu acho que foi diferente.</i>
Sujeito 3	<i>Sim. De várias formas, primeiro eu não vendia na feira, né, hoje, depois da UNIAGRO, nós temos a feira da agricultura familiar. Então foi diferente, melhorou bastante.</i>
Sujeito 4	<i>...cada curso que aparece é um conhecimento novo, então aqui a gente busca muito a questão do conhecimento, do aprender, do fomentar o conhecimento pra que a gente aprenda e possa passar pra outra pessoa... Na minha opinião, eu acho que foi diferente sim... a gente também se preocupa como formar o cidadão porque, através das nossas reuniões, palestras, não forma só a questão produtiva, mas forma também o cidadão preparado pra o mundo, isso também acho que foi o diferencial aqui da associação.</i>
Sujeito 5	<i>...antes o produtor plantava e ficava dependendo de atravessadores, não tinha pra quem vender, hoje a gente já tem mais uma noção, tem como uma forma de plantar e saber pra onde escoar seu produto, né, já fica mais tranquilo... Pra mim foi e é algo diferente, né...</i>

Continua

Continuação

Exemplos de verbalizações do GF	
Sujeito 6	<i>...acreditar que a gente poderia fazer algo diferente pela comunidade, né.</i> <i>...nós temos um trabalho muito amplo, um trabalho de assistências técnicas, um trabalho de comercialização, é um trabalho de diversificação de cultura, né, e isso proporciona geração de emprego e renda pra toda comunidade.</i> <i>...as pessoas começaram a entender que há a necessidade de fazer uma transformação, uma transformação em busca de dias melhores, principalmente na atividade econômica voltada pra agricultura.</i> <i>Com certeza é um processo inovador porque nós trabalhamos desde o processo educativo/cultural das pessoas, nós se preocupamos muito com a questão, não só produção, a gente se preocupa com a parte educativa, a parte cultural...</i> <i>E trabalhar de uma forma coletiva é inovadora pra nossa realidade porque nós brasileiros temos na nossa cultura aquela questão de ser individualista, é uma coisa cultural. E esse fato de a gente se preocupar desde o processo de fatores que influencia na qualidade de vida da pessoa, não simplesmente na parte só produtiva, gerencial, comercialização ou diversificação de cultura ou preocupação com o meio ambiente, isso proporciona de fato uma forma de gerir de uma forma de lidar com a realidade do povo de forma criativa.</i>

Fonte: Elaboração própria, dados da pesquisa (2020)

Dessa forma, os resultados encontrados indicam que para os sócios a associação foi algo novo no modo como eles viviam e trabalhavam, de modo que passaram a produzir com um caráter consciente e motivador, devido ao auxílio e ao suporte da UNIAGRO, proporcionando mais conhecimento e técnicas apropriadas. Rodrigues (2013) mostra que a EC, se expressa como sendo a produção de bens e serviços com a introdução de seu conteúdo intangível, para a criação de negócios e serviços voltados na elaboração de produtos artísticos ou culturais.

Além disso, também corrobora Jaguaribe (2006, apud BENDASSOLLI *et al.*, 2009), mostrando que não existem delimitações claras quanto aos processos das indústrias criativas, de modo que há uma grande variedade dos mesmos, bem como de produtos e serviços que são gerados por meio da criatividade. Entretanto, ainda há uma forte influência quanto aos preceitos tradicionais os quais encontram – se enraizados no que tange, por exemplo ao craft, o folclore ou o artesanato, e a partir de então as tecnologias e a informática os transformam em bens e serviços para serem distribuídos.

Tal contexto pode ser relacionado com a fala do sujeito 6 quando ele cita que “*as pessoas começaram a entender que há a necessidade de fazer uma transformação, uma transformação em busca de dias melhores, principalmente na atividade econômica voltada pra agricultura*”, indicando, com isso, que foi e está sendo necessária uma mudança no sentido de posicionamento no modo de pensar das pessoas na busca por condições melhores.

De semelhante modo, Bendassolli *et al.* (2009) e Melgarejo (2011) relacionam no sentido de que a EC propõe uma mudança de paradigma, de modo que passa a ser vinculado o novo modelo voltado para a criatividade, a cultura, o conhecimento e o intelecto das pessoas. Dessa

forma, o sujeito 4 também retrata em seu enunciado que “...cada curso que aparece é um conhecimento novo, então aqui a gente busca muito a questão do conhecimento, do aprender, do fomentar o conhecimento pra que a gente aprenda e possa passar pra outra pessoa...”, logo tem-se que o conhecimento pôde ser agregado para o melhoramento desse novo processo de empreender dos sócios.

Quadro 8 – Categoria: Produção sustentável

Exemplos de verbalizações do GF	
Sujeito 1	<i>Esse é um tema muito polêmico. Como produzir sem agrotóxico? Como produzir sem prejudicar o meio ambiente? No início nós não tínhamos ainda esse conhecimento, mas depois de muitas reuniões muitas pessoas conversando com a gente, vários técnicos explicando pra gente que há a possibilidade de você produzir sem agrotóxico. E hoje eu acredito que a UNIAGRO, todo aquele sócio que faz parte do nosso grupo, ele não está usando mais agrotóxico, isso aí é certeza absoluta. Eu posso dizer que eu mesmo já desenvolvi certas fórmulas que a gente consegue produzir sem usar agrotóxico, isso é uma grande conquista pra gente. De forma natural, produtos naturais. Nós temos vários exemplos aqui de São Domingos. A própria “manipueira” é um excelente, vamos dizer assim, é fungicida pra alguns tipos de culturas, se você usar a “manipueira” de forma corretamente, você não tem necessidade de usar agrotóxico pra aquele fim e consegue produzir talvez melhor ainda de que usando veneno.</i>
Sujeito 2	<i>Pra quem planta é bom, né...</i>
Sujeito 3	<i>Porque, se você hoje com a agricultura, com a associação, tá junto com a agricultura familiar, nada de agrotóxico, então é qualidade de vida, e é isso, mais sustentável... Não usar agrotóxico, como ele já tinha falado, alguns produtos naturais tanto pra praga, pra evitar o controle de praga, como de alguns fungos que dá nas plantas, e o uso da “manipueira”, que é rica não só pra controlar as pragas também, mas como ela é rica em zinco e em um monte de coisas maravilhosas pra terra, pra adubação pra terra... Então a “manipueira” é o ouro que o homem do campo tem e não sabe aproveitar, essa é a realidade.</i>
Sujeito 4	<i>A preocupação com o meio ambiente é tema mundial, e, como é uma preocupação mundial, a UNIAGRO aqui não se exime dessa preocupação. A gente, através das reuniões, utiliza muito a questão da sustentabilidade, sensibilizar os produtores de produzir no campo de forma sustentável, pra que a gente consiga produzir hoje e garanta essa produção pras futuras gerações e não prejudique a terra como muitos faziam há algum tempo atrás, antes de conhecer a UNIAGRO. A gente pensa muito de maneira sustentável. ... porque, além da gente se preocupar com a questão da agricultura, há preocupação de como produzir de maneira sustentável...</i>
Sujeito 5	<i>...é um tema mundial não só porque prejudica a terra, mas também a vida do ser humano porque o que tem de gente morrendo todo ano através desse manejo é enorme, é assustador, então tem que cultivar sempre com produtos naturais.</i>
Sujeito 6	<i>A gente sempre tem uma preocupação de conscientizar. O produtor sempre tá tendo capacitação, orientação, e a ideia é justamente essa, a gente tem um desenvolvimento de forma sustentável, sempre preservando os recursos naturais... nós tentamos reduzir a questão de uso de adubos químicos e a gente trabalha mais com a linha orgânica, né, de origem da própria propriedade, como também alguns defensivos naturais que é extrato de plantas, né, resíduos provenientes de origem vegetal, que ele acabou de falar, que é a “manipueira”, e a gente sempre tá com essa ideia de sempre conscientizar o uso racional da água, o uso racional do solo e evitar esse agrotóxico e esses produtos químicos que possam trazer desequilíbrio ao meio ambiente.</i>

Fonte: Elaboração própria, dados da pesquisa (2020)

A categoria anterior (Quadro 8) destaca a questão da relação existente entre a EC e o desenvolvimento sustentável. Para Deheinzelin (2008), ao lidar com recursos renováveis, a EC é planejada e encaixada para a sustentabilidade do planeta e de nossa espécie. sustentabilidade, ela não é apenas uma atividade econômica, é também um fator que permite

a interação e a evolução social. Ao atuar simultaneamente nas quatro dimensões ligadas à sustentabilidade (econômica, social, ambiental e simbólica), a EC oferece a possibilidade de recriar as sociedades e seus modelos, desenhando futuros mais desejáveis e harmônicos. Nesse sentido, o sujeito 1 expõe o seguinte: *“Eu posso dizer que eu mesmo já desenvolvi certas fórmulas que a gente consegue produzir sem usar agrotóxico, isso é uma grande conquista pra gente. De forma natural, produtos naturais...”*, mostrando, assim, que eles foram conscientizados por meio da associação a buscarem novas práticas de manejo mais sustentáveis e naturais. Logo, também o sujeito 6 compartilha dessa ideia ao dizer que *“A gente sempre tem uma preocupação de conscientizar. O produtor sempre tá tendo capacitação, orientação, e a ideia é justamente essa, a gente tem um desenvolvimento de forma sustentável, sempre preservando os recursos naturais...”*.

Percebe-se que todos os participantes mostram-se incentivados a produzir de forma mais sustentável, visando o bem de toda a comunidade, como também buscando novas práticas naturais de como não agredir o meio ambiente, de maneira que as futuras gerações não sejam ameaçadas, como o sujeito 4 assinala ao dizer *“pra que a gente consiga produzir hoje e garanta essa produção pras futuras gerações”*. Nesse âmbito, vislumbra-se, nos escritos de Barbosa (2008, p. 2), que “o desenvolvimento sustentável é aquele que atende as necessidades do presente sem comprometer as possibilidades das gerações futuras atenderem suas próprias necessidades”.

Para tanto, ao considerar que a EC está prioritariamente atrelada tanto a criatividade quanto a cultura, promovendo um crescimento cada vez mais sustentável e duradouro, Deheinzelin (2008) considera também que esse crescimento permite que a espécie humana possa se desenvolver futuramente de forma sustentável em todas as esferas.

Quadro 9 – Categoria: Melhoria da qualidade de vida dos associados

Exemplos de verbalizações do GF	
Sujeito 1	<i>Acredito que houve melhoria sim e está havendo melhorias. Porque antes os agricultores daqui não eram assistidos, principalmente nessa área de agricultura, então hoje o agricultor de São Domingos ele tem assistência. ...eu acabei finalizando a parte empresarial de panificação pra me dedicar somente na área de agricultura. Então pra mim foi uma transformação na minha vida nesse sentido.</i>
Sujeito 2	<i>...acho que deu uma melhorada...</i>
Sujeito 3	<i>Porque assim qualidade de vida... A melhoria é a qualidade de vida, né.</i>
Sujeito 4	<i>Sim, sim, com certeza. Houve melhorias.</i>
Sujeito 5	<i>Houve melhorias...</i>
Sujeito 6	<i>...você tem uma melhora de vida, poder aquisitivo maior, você vai também começar a ter, pensar que pode melhorar, que pode mudar; antes as pessoas não esperavam isso, eles nasceram para plantar aquilo e colher aquilo e não tinham perspectiva de mudança.</i>

Fonte: Elaboração própria, dados da pesquisa (2020)

Nessa categoria (Quadro 9), são apresentadas as informações referentes à melhoria da qualidade de vida dos associados por intermédio da UNIAGRO. Segundo Amaro (2003, p. 9), o desenvolvimento econômico pode ser definido como “um aumento nos níveis de vida das pessoas vulgares” ou ainda “[...] como uma melhoria sustentada e secular no bem-estar material [...], refletida num fluxo crescente de bens e serviços”.

Além disso, considerando que o crescimento econômico é a condição necessária para o desenvolvimento, faz-se necessário também que os requisitos relacionados à saúde, habitação, educação, valores culturais, relações sociais, sistema político, sejam também atendidos da melhor forma possível para fornecer o bem-estar às pessoas.

Bresser-Pereira (2006), faz referência no que diz respeito ao desenvolvimento econômico o qual é tido como algo autossustentado, de maneira que, ao ser iniciado, ele se torna automático. Dessa forma as pessoas buscam estabelecer elevadas melhorias em seus padrões de vida por meio de uma política de acumulação de capital, que é adquirida com a maior utilização de meios técnicos no trabalho e consequentes avanços nos meios de produção.

Verifica-se, no relato do sujeito 6, a saber, “...você tem uma melhora de vida, poder aquisitivo maior, você vai também começar a ter, pensar que pode melhorar, que pode mudar...”, que a introdução da associação possibilitou que as pessoas pudessem ter um poder aquisitivo maior e, consequentemente, alcançar melhorias em seus padrões de vida.

Com base nas verbalizações dos sujeitos, percebeu-se que alguns ficaram tímidos em relação a esse posicionamento, mas outros demonstraram de maneira grandiosa que a qualidade de vida deles melhorou muito com o surgimento da associação, pois, como o sujeito 1 expõe, “...eu acabei finalizando a parte empresarial de panificação pra me dedicar somente na área de agricultura. Então pra mim foi uma transformação na minha vida nesse sentido”.

Nota-se, assim, que para ele a mudança foi notória, pois encerrou uma panificação para se dedicar totalmente às atividades inerentes à UNIAGRO. Essa ação consequentemente demonstra que foi satisfatória a mudança na qualidade de vida de todos.

Quadro 10 – Categoria: Melhoria da geração de renda dos sócios

	Exemplos de verbalizações do GF
Sujeito 1	<i>Todos aqueles que estão fazendo parte dos projetos da UNIAGRO, todos eles tiveram melhorias com certeza. Todas as pessoas que estão se enquadrando e estão seguindo as regras da UNIAGRO com certeza têm um ganho maior em suas plantações, entendeu? Então eu acredito que tá trazendo sim muitos ganhos pra todos que seguem a UNIAGRO. Com certeza! Pra quem planta e pra quem está vendendo.</i>
Sujeito 2	<i>Pra quem planta é bom, né, pelo menos tem mais emprego pras pessoas, tem renda. Porque pelo menos assim, né, a pessoa às vezes não tá trabalhando, mas sempre aparece alguma coisinha aqui pra fazer. Então acho que deu uma melhorada boinha.</i>
Sujeito 3	<i>Sim. Há mudança porque assim, como a gente só cultiva só um produto, quer dizer que só tinha lucro com 10 meses, um ano, e agora não, toda semana eu tenho dinheiro, toda semana a gente tem vendas, entendeu? Então há dinheiro. Mudou o cultivo, também mudou a renda. No que a gente entrega os produtos, a gente recebe. A gente planta, produz os produtos, traz e entrega pra alguns os projetos, o PAA, a CONAB, e a gente recebe. Também tem os produtos que a gente leva pra feira, que a gente planta, leva pra feira, e a gente recebe.</i>
Sujeito 4	<i>Sim, sim. Houve melhoria sim. Principalmente após a diversificação de produtos... esperava-se 10 meses, um ano pra colher um produto, hoje a gente colhe com 30 dias, 45 dias, ou seja, a chance de ganhar dinheiro e mais rápido aumentou bastante, isso é visível tanto pros agricultores quanto no comércio porque a gente percebe também um super aquecimento no comércio vindo da agricultura familiar.</i>
Sujeito 5	<i>...melhorou a renda e muito.</i>
Sujeito 6	<i>...essa lucratividade que proporciona esse produtor, ele vai pra um mercado consumidor, que é o comércio, começa a adquirir novos materiais de insumos, né, ou até mesmo materiais mesmo pra sua própria qualidade de vida, e isso aquece a economia, então temos resultados diretos e indiretos, diretos para aqueles que estão envolvidos e aqueles que estão em volta daquelas pessoas que estão fazendo parte do projeto. Teve, né, um crescimento pode ser considerado um impacto muito, muito positivo, né. Porque por meio da assistência técnica a gente proporcionou um aumento na produção; consequentemente, se aumenta a produção, aumenta lucro, né.</i>

Fonte: Elaboração própria, dados da pesquisa (2020)

O Quadro 10 evidencia a categoria “melhoria na geração de renda dos sócios”, a qual é de suma importância neste estudo, isso porque se relacionam principalmente os resultados obtidos por intermédio da introdução da UNIAGRO no cenário econômico municipal. Closs e Oliveira (2017), citaram que a EC é muito importante na geração de renda para as pessoas por intermédio da criação de novos empregos. Utilizando-se de sua principal ferramenta, o intelecto, os indivíduos podem aproveitar as artes e culturas locais na transformação de bens/serviços, que possuem muito valor intrínseco e imaterial.

Em consonância, Deheinzelin (2008, p. 27-29), em sua caracterização para a EC, considera que “a Economia Criativa promove mais oportunidades de geração de trabalho e renda...”. Sendo assim, a criatividade estimula a cultura, que consequentemente promove um desenvolvimento que será direcionado para as pessoas, de maneira que irá compor um elemento-chave para a criação de renda, trabalho, inovação e comércio, como também pode somar para a inclusão social, a diversidade cultural e a sustentabilidade ambiental (ONU; UNCTAD, 2010).

Em relação às verbalizações dos sujeitos, pode-se concluir que todos compartilham do mesmo pensamento de que houve um grande aumento na renda, o qual, conseqüentemente, acarretou um poder aquisitivo maior, além da frequência de capital de giro que eles passaram a ter, ou seja, agora não precisariam passar tanto tempo para adquirir dinheiro.

Esse contexto pode ser visualizado na seguinte fala do sujeito 3:

A gente só cultivava um produto, quer dizer que só tinha lucro com 10 meses, um ano, e agora não, toda semana eu tenho dinheiro, toda semana a gente tem vendas, entendeu? Então há dinheiro...”, bem como na fala do sujeito 4: “...esperava-se 10 meses, um ano pra colher um produto, hoje a gente colhe com 30 dias, 45 dias, ou seja, a chance de ganhar dinheiro e mais rápido aumentou bastante.

Além disso, conseqüentemente, com a introdução da UNIAGRO, começaram a surgir mais oportunidades de emprego não somente para os agricultores, mas também para os que fornecem mão de obra para eles. Destarte, a associação também gera renda de forma indireta para os que não são sócios, como fala o sujeito 6:

Essa lucratividade que proporciona esse produtor, ele vai pra um mercado consumidor, que é o comércio, começa a adquirir novos materiais de insumos, né, ou até mesmo materiais mesmo pra sua própria qualidade de vida, e isso aquece a economia, então temos resultados diretos e indiretos, diretos para aqueles que estão envolvidos e aqueles que estão em volta daquelas pessoas que estão fazendo parte do projeto.

À vista disso, Keating (1994 apud REIS, 2007, p. 10) explicita que “esta política cultural também é uma política econômica. A cultura cria riqueza. Definidas de forma ampla, as indústrias culturais geram 13 bilhões de dólares por ano. A cultura gera empregos...”.

Quadro 11 – Categoria: Mudança de cultura agrícola

Exemplos de verbalizações do GF	
Sujeito 1	<i>...que eu era um comerciante, mas, desde já, já mexia com a terra, mas mexia com a terra sem direcionamento, e ele, como é um engenheiro agrônomo, começou a falar pra mim a respeito da agricultura, como melhorar a agricultura, como produzir mais, como colher mais, como ter uma receita melhor, então foi justamente com essas informações que a gente acompanhou. ...a transformação na área da agricultura, que hoje várias pessoas plantam verduras, outros plantam frutas e têm um poder aquisitivo melhor porque antigamente não tinham, então são várias mudanças, vários projetos que tá melhorando a vida do homem no campo... Pra mim mudou 100% com certeza.</i>
Sujeito 2	<i>Pra mim mudou assim algumas coisas...</i>
Sujeito 3	<i>...a gente só vivia do cultivo da mandioca, né, hoje eu planto minhas verduras, trabalho na feira com o meu produto, então o projeto é enorme e só tem a crescer.</i>
Sujeito 4	<i>...então o fato de a gente trazer projetos novos, incentivar o agricultor a cultivar uma cultura que não é da cultura deles, isso é o que motiva a permanecer e o que motiva a ficar e fazer parte dessa família. Quando você tá acostumado a plantar só um tipo de cultura, a monocultura, no caso, digamos, você fica estagnado. Quando você diversifica, você abre vários campos de oportunidade pra ter lucro, pra ter renda. Então acho que tornou depois da associação a independência maior de alguns agricultores devido à diversidade de produção e de produtos no campo.</i>
Sujeito 5	<i>... eu trabalhava com produção de mandioca e quis mudar, acreditei no que ele me propôs e botei fé, e tamos aí até hoje. Acreditei na mudança, né, pra sair um pouco dessa rotina só duma cultura só. A mudança pra mim, pra mim foi extraordinária porque no caso eu sou de uma família de agricultores, só conhecia só um cultivo de cultura, hoje já conheço vários tipos de cultura e pra mim mudou 100%. ... porque eu trabalhava só na roça...</i>
Sujeito 6	<i>...a economia era muito baseada na monocultura, e as pessoas ficavam muito aquém de uma realidade mais futurista, uma realidade com sucesso, e a partir daí eu tentei, por meio da associação, e colocar os meus conhecimentos da universidade acadêmica em prática, e aí fundamos com o apoio dos amigos que abraçaram a causa, e hoje graças a Deus os frutos estão sendo colhidos. ...você diversifica a cultura, você tem a possibilidade de ter duas fontes de renda, três fontes de renda ou mais...</i>

Fonte: Elaboração própria, dados da pesquisa (2020)

No Quadro 11, sobre a categoria “mudança de cultura agrícola”, são apresentados os desdobramentos que a UNIAGRO gerou com a inserção de um cultivo voltado para a policultura. Considerando-se o conceito de sustentabilidade, nota-se que ela busca agregar os componentes sociais, econômicos, culturais e ambientais em uma estrutura nova que propõe que o ser humano desenvolva, de maneira criativa e com o auxílio de novas práticas, uma agricultura sustentável, a qual possa melhorar a qualidade de vida das pessoas, e isso sem comprometer a sobrevivência e o desenvolvimento de outras espécies que compõem o planeta (DAL SOGLIO *et al.*, 2009). Por conseguinte, Dal Soglio *et al.* (2009, p. 22) também propõe a utilização de novas tecnologias mais sustentáveis que busquem não agredir o meio ambiente, bem como reduzir ou minimizar os prejuízos agrícolas.

Sugere que sejam utilizadas “técnicas como adubação orgânica, cultivos de cobertura (adubos verdes), rotação de cultivos, policultivos, plantio direto e eliminação de agrotóxicos e de insumos dependentes de petróleo”.

Assim sendo, na policultura as espécies cultivadas possuem ciclos curtos e médios que possibilitam a rápida colheita, proporcionando a manutenção do solo para novamente ser utilizado. Além dessa característica, uma das vantagens relacionadas por Novais (2018) à policultura é que o produtor terá maior segurança tanto alimentar quanto econômica, pois, com a plantação de vários produtos, caso haja mudanças climáticas ou até mesmo a redução do preço de uma determinada cultura, ele estará amparado pela plantação das outras espécies, certificando-se de sua estabilidade financeira.

Por conseguinte, em relação às verbalizações dos sujeitos e de acordo com as observações feitas pela pesquisadora, constatou-se que a monocultura no município ainda é algo fortemente praticado. Como pôde ser percebido, a maioria dos participantes da pesquisa era unicamente produtora de mandioca, e isso com referência aos enunciados dos sujeitos 3, 4 e 5, respectivamente: “[...a gente só vivia do cultivo da mandioca, né...”]; “Quando você tá acostumado a plantar só um tipo de cultura, a monocultura, no caso, digamos, você fica estagnado”; “[... eu trabalhava com produção de mandioca...”. O sujeito 2 também trabalhava com a produção da mandioca, mas não fez nenhuma alusão a isso. Com base na afirmação de Sousa (2020), a monocultura é entendida como sendo o cultivo de apenas um produto agrícola, como é o caso da plantação de soja, e o termo também pode ser considerado como a criação de apenas uma espécie animal, como no caso do gado.

Contudo, com o surgimento da UNIAGRO, muitos produtores passaram a perceber que poderiam obter mais benefícios e vantagens por meio da utilização da policultura. Como apresentado na questão do cultivo da mandioca, onde os entrevistados demoravam muito tempo para adquirir renda (como pode ser observado nos enunciados do quadro matricial da categoria “Melhoria da Geração de Renda dos Sócios”), mas, com a cultura voltada para a produção de diversos produtos, poderiam, em um tempo bem curto, conseguir um retorno financeiro, como cita o sujeito 1: “[...]a transformação na área da agricultura, que hoje várias pessoas plantam verduras, outros plantam frutas e têm um poder aquisitivo melhor porque antigamente não tinham...”. O sujeito 4 também menciona isso ao dizer que “*quando você diversifica, você abre vários campos de oportunidade pra ter lucro, pra ter renda. Então acho que tornou depois da associação a independência maior de alguns agricultores devido à diversidade de produção e de produtos no campo*”. Além disso, o sujeito 6 complementa, dizendo que “*...você diversifica a cultura, você tem a possibilidade de ter duas fontes de renda, três fontes de renda ou mais...*”.

Desse modo, como diz o sujeito 5, “*A mudança pra mim, pra mim foi extraordinária porque no caso eu sou de uma família de agricultores, só conhecia só um cultivo de cultura, hoje já conheço vários tipos de cultura, e pra mim mudou 100%*”. Assim, se percebe que, além

de proporcionar melhorias na obtenção de renda dos produtores, a mudança de cultura (monocultura) para uma cultura que busca preservar o meio ambiente com suas práticas sustentáveis (policultura) foi e será algo muito satisfatório para os sócios da UNIAGRO.

Quadro 12 – Categoria: Capacitação profissional

Exemplos de verbalizações do GF	
Sujeito 1	<i>No momento, nós fizemos aqui uns três, quatro cursos de capacitação. Gestão de negócios, não foi? Capacitação na área de campo, como produzir, por exemplo, e vários outros cursos, e sempre está vindo cursos também pra associação pra que a gente fique sempre qualificado. Toda vez que aparece um curso desse, a associação abraça essa causa, e todos os sócios participam dessa qualificação, que é muito importante pra todos eles, com certeza, o conhecimento.</i>
Sujeito 2	<i>Eu não fiz ainda, mas espero fazer.</i>
Sujeito 3	<i>Eu já fiz o de gestão, é aprender a empreender no campo, e boas práticas, agronegócio...</i>
Sujeito 4	<i>Todos os cursos que a associação traz pra gente eu faço questão de participar...</i>
Sujeito 5	<i>Sim. Houve melhorias e muitas, né, conhecimento, né. Antes a gente plantava era de forma aí aleatória, de qualquer jeito, hoje a gente tem assistência técnica, orientação, como fazer, como tem que ser, todo procedimento correto pra não errar. Os cursos que apareceu aí eu já fiz todos, pelo nome assim, boas práticas, agronegócio, manuseio de trator, tudo. O que aparecer eu tô dentro.</i>
Sujeito 6	<i>Em termos de conhecimento de liderança, lidar com pessoas, né, ter uma relação mais próxima das pessoas, entender o ser humano, isso foi o que me transformou também. Em termos de conhecimento técnico, aumentou muito meus conhecimentos, eu absorvi muitas informações, busquei muitas informações que era necessária pra que os projetos fosse conduzidos, então melhorou tanto na questão de conhecimento técnico, científico, profissional, abriu muitas oportunidades de trabalho pra mim; a instituição, por meio do que eu faço aqui, porque eu busquei aqui como uma escola pra colocar em prática meus conhecimentos e também outros conhecimentos que eu não tinha afinidade, como, por exemplo, a parte legislativa voltada pra registros junto aos órgãos competentes, né, então isso me fez crescer bastante. Tivemos cursos de capacitação de gestão, como o sujeito 1 falou, de boas práticas, de produção, de assim no campo, voltado para conhecimento no campo, agora nós tamos participando é já há dois meses do curso de associativismo e cooperativismo junto ao Ministério da Agricultura, né...</i>

Fonte: Elaboração própria, dados da pesquisa (2020)

Essa categoria (Quadro 12) retrata a questão de como a capacitação profissional foi e ainda continua sendo um fator muito importante na questão de propagação do conhecimento para a diversificação e o manejo das formas de trabalhar dos associados da UNIAGRO. Assim Jeffecutt (2000) evidencia que o conhecimento é a principal ferramenta para todos os setores que compõem a economia, setor este que é altamente amplo. Serafim *et al.* (2013) corroboram com a ideia de que esse conhecimento deve ser compartilhado e introduzido por meio da cooperação de todos que fazem parte desse setor e que buscam um bem em comum.

Para Silva (2018), as muitas mudanças na economia mundial vieram bem a calhar para o surgimento e intensificação do conceito da EC, mostrando a grande importância de se utilizar o conhecimento como recurso principal do sistema de produção vigente. Assim, as verbalizações dos sujeitos mostram que a capacitação profissional para eles foi algo que trouxe muito a acrescentar, isso porque antes eles não tinham nenhum suporte sobre o conhecimento de técnicas e manejos tanto para a produção quanto sobre as políticas e os direitos que possuíam.

E, com a introdução da associação, que foi algo novo para eles, puderam perceber que precisavam buscar se qualificarem por meio de cursos profissionais e um suporte técnico, dos quais anteriormente não dispunham, como se constata na fala do sujeito 1: “...sempre está vindo cursos também pra associação pra que a gente fique sempre qualificado. Toda vez que aparece um curso desse, a associação abraça essa causa, e todos os sócios participam dessa qualificação, que é muito importante pra todos eles, com certeza, o conhecimento”.

O sujeito 6 também relata que:

Em termos de conhecimento técnico, aumentou muito meus conhecimentos, eu absorvi muitas informações, busquei muitas informações que era necessária pra que os projetos fosse conduzidos, então melhorou tanto na questão de conhecimento técnico, científico, profissional, abriu muitas oportunidades de trabalho pra mim; a instituição, por meio do que eu faço aqui, porque eu busquei aqui como uma escola pra colocar em prática meus conhecimentos e também outros conhecimentos que eu não tinha afinidade.

Diante disso, a Secretaria da Economia Criativa – criada pelo Decreto nº 7.743, de 1º de junho de 2012, e vinculado ao Ministério da Cultura – evidencia que a EC permite uma grande abrangência no quesito qualificação, pois considera o conhecimento e a criatividade como principais matérias-primas para a realização das atividades dos setores criativos.

Quadro 13 – Categoria: Políticas Públicas para a UNIAGRO

Exemplos de verbalizações do GF	
Sujeito 1	<i>... que hoje aqui a associação não tem nenhum recurso vindo de nenhuma forma governamental aqui, aqui todos nós nos somamos pra que a gente possa tá quitando essa parte financeira que ela tem, entendeu? Com a contribuição também, pequena, mas existe, de todos os sócios também que colabora também. Se nós tivéssemos apoio público, apoio do poder, vamos dizer assim, do poder público, eu acredito que nós teríamos mais condições de ajudar mais pessoas, entendeu? Então, como nós temos poucos recursos, e todos os recursos vêm do corpo administrativo, nós temos, digamos, dificuldade de tá dando melhor assistência pras pessoas. Então eu acho que falta muito é ajuda do poder público pra que a gente pudesse dar uma assistência melhor e maior pra nossos associados.</i>
Sujeito 2	<i>Até aqui não tem apoio governamental, precisa de recursos, né, que até aqui não tem.</i>
Sujeito 3	<i>Fala muito em políticas públicas, né, mas na realidade é muita falta de boa vontade dos gestores não só municipal, como estadual e federal, né, todas as esferas. Eu penso que eles deveriam ter mais boa vontade e pensar mais no homem do campo porque se fala muito e faz pouco. Essa é a realidade. Porque você não vê nenhum tipo, secretaria do estado, município, às vezes tem até recursos pra trazer pra os municípios, pra os estados, mas aí, quando você vê, caras são tão incompetentes que às vezes tem um projeto que tem condições de trazer via governo do estado, via prefeitura, mas, como bota esses caras lá, incompetentes que não sabe correr atrás, que não valoriza o homem do campo, por isso que não tem. Então falta mais pessoas competentes que realmente pense no homem do campo. Melhorar principalmente na esfera municipal, né, tanto estadual quanto municipal, a gente vê essa dificuldade. Porque às vezes você vê que tem projetos, mas não tem pessoas capacitadas pra buscar esse projeto. Essa é a realidade.</i>
Sujeito 4	<i>Eu acho que falta um pouco de incentivo da questão de políticas públicas... talvez políticas públicas é um diferencial, digamos, através de recursos...</i>

Continua

Continuação

Exemplos de verbalizações do GF	
Sujeito 5	...aí, quando as coisas aperta, a gente socorre via PRONAF junto ao Banco do Nordeste pra dar uma forcinha aí, pra nos ajudar aí. Quando aperta, tem que pedir socorro. Falta competência desses políticos aí que não olha pra o produtor, né, só olha para meia dúzia e tchau, o produtor que fica lá esquecido, a Deus dará. Então tem um investimento pessoal, né, que os próprios agricultores eles fazem, né, recursos próprios provenientes tanto talvez da própria atividade agrícola, como também a gente orienta eles que eles possam também adquirir empréstimos, financiamentos via PRONAF, ...então a gente sempre tá orientando que é uma forma também de captação de recurso para que possa investir na sua propriedade, e muitas das vezes eles não têm recursos para iniciar... ...existe projetos que é, né, alguns custos que é custeado basicamente por recursos que a gente tem da contribuição mensal, mas o grande investimento que nós temos parte do corpo administrativo que faz com que ele aconteça...
Sujeito 6	...então o corpo administrativo assume uma responsabilidade financeira por meio de pensar que isso pode trazer benefícios pra comunidade. ...por exemplo, a unidade de processamento de farinha, a gente não tinha, né, e foi um investimento particular, foi um investimento do próprio corpo administrativo, que tirou do seu próprio bolso pra acreditar num projeto novo pra comunidade. Então essa é a filosofia financeira hoje, ah vai chegar um momento que o processo de comercialização de produção vai está estabilizada, onde associação vai ter um fundo de caixa onde vai poder está investindo nesses projetos, mas, até chegar lá, é necessária uma grande participação financeira do corpo administrativo. ...falta políticas públicas. Políticas públicas que de fato se preocupem com esse processo de investimento em projetos criativos, né, que busquem de fato empreendimentos que tenham demonstrado sucesso... Hoje pra você conseguir um, aprovar um projeto, você vê duzentas, trezentas associações ou cooperativas pra um único projeto. Então ficam poucos recursos pra muitas instituições. Quando você vê projetos de políticas públicas de instituições governamentais, nós não temos, você não tem uma secretaria da agricultura municipal que tenha nenhum investimento voltado pra área, nós não temos secretaria da agricultura do estado que tenha investimento pra isso, nós não temos nenhum órgão do estado que libere recursos pra que a gente possa investir... ...então deixa muito aquém a espera estadual, municipal, federal de recursos voltados pra esses empreendimentos, nós não temos. ... você vê que existe uma fragilidade muito grande de investimento e comprometimento com o homem do campo, com a agricultura familiar. Então pra gente existir, uma associação existir, é muito complicado, é muito complicado porque as políticas públicas não existem, e a gente fica órfãos do sistema. A realidade é essa. ...mas muitas das vezes a gente não é beneficiado porque o recurso é pouco pra o contingente de instituições que participam pra pleitear um recurso. Então fica muito difícil. A gente já consegue chegar onde está porque a gente é guerreiro mesmo.

Fonte: Elaboração própria, dados da pesquisa (2020)

O Quadro 13 mostra a categoria políticas públicas no cenário da UNIAGRO e qual o posicionamento dos sócios em relação a essa política.

Brasil (2011) aponta que a participação e o envolvimento do governo federal são de suma importância para proporcionar projetos e incentivos que estimulem o desenvolvimento da cultura e da EC em cidades e regiões. Em setembro de 2011, por meio do Ministério da Cultura (MINC), foi lançado o Plano da Secretaria da Economia Criativa, que previa políticas, diretrizes e ações para o setor da EC no período de 2011 a 2014. Além disso, o Plano da Secretaria de Economia Criativa (2011-2014) também propõe que no território brasileiro há a imensa necessidade de investimentos do governo por meio de políticas públicas que proporcionem um

suporte para essas tecnologias criativas, assim como é feito em muitos países que possuem apoio governamental, disponibilizando insumos necessários para esses setores criativos (BRASIL, 2011).

Em continuidade, a secretaria da EC busca como competência “propor, conduzir e subsidiar a elaboração, implementação e avaliação de planos e políticas públicas para o desenvolvimento da economia criativa brasileira”, além de “subsidiar os demais órgãos e as entidades do Ministério da Cultura no processo de formulação das políticas públicas relacionadas com a promoção da economia criativa brasileira” (BRASIL, 2011, p. 44).

Portanto, como os autores expuseram, há a necessidade de investimentos e políticas públicas das esferas governamentais nesses projetos criativos, contudo se verifica nas falas dos sujeitos que esses requisitos não são correspondidos dentro da UNIAGRO. Isso porque, como eles relatam, não possuem nenhum auxílio do governo, nem das autoridades municipais, como o sujeito 1 pontua: “[...] *que hoje aqui a associação não tem nenhum recurso vindo de nenhuma forma governamental. [...] Se nós tivéssemos apoio público, apoio do poder, vamos dizer assim, do poder público...*”. O sujeito 2 também expôs que “*Até aqui não tem apoio governamental, precisa de recursos, né, que até aqui não tem*”. O sujeito 3 complementa dizendo que: “*Fala muito em políticas públicas, né, mas na realidade é muita falta de boa vontade dos gestores não só municipal, como estadual e federal, né, de todas as esferas*”.

Assim sendo, todos os sujeitos discorrem em suas falas sobre a insatisfação quanto à ação das autoridades competentes, que detêm o poder de fornecer esse suporte de incentivo, e, no entanto, ao se depararem com essa situação, eles mesmos buscam medidas, no âmbito interno da associação, para custearem seus projetos e investimentos, como retrata o sujeito 5: “[...] *aí, quando as coisas aperta, a gente socorre via PRONAF junto ao Banco do Nordeste pra dar uma forcinha aí, pra nos ajudar aí*”. Nesse contexto, eles buscam, por meio de empréstimos, condições para custearem suas produções e seus projetos, como se verifica no discurso do sujeito 6: “*Então tem um investimento pessoal, né, que os próprios agricultores eles fazem, recursos próprios provenientes tanto talvez da própria atividade agrícola, como também financiamentos via PRONAF*”.

Quadro 14 – Categoria: Relação dos sócios com a UNIAGRO

Exemplos de verbalizações do GF	
Sujeito 1	<i>A melhor possível. Relação com a UNIAGRO. A UNIAGRO é uma associação que ela dá espaço a todos os sócios que queira realmente trabalhar com ela, além de dar espaço, ela dá assistência aos sócios. Então hoje qualquer agricultor tem uma ótima relação com a UNIAGRO. É só ele participar das reuniões, ser fiel à associação, acompanhar a associação que a associação vai dar todo esse aparato para ele, toda essa estrutura. Então hoje é um prazer poder fazer parte de um grupo como a associação.</i>
Sujeito 2	<i>Eu gosto de tá aqui, me sinto bem e, sempre que tem espaço, sempre eu tô aqui. E hoje é tudo unido.</i>
Sujeito 3	<i>A minha relação com a UNIAGRO hoje é de família, né. Porque hoje a gente não é só sócios, não, hoje nós somos uma família. Hoje a UNIAGRO é a verdadeira família são dominguense.</i>
Sujeito 4	<i>A minha relação aqui com a UNIAGRO é, digamos, prazerosa porque, a partir do momento que você sai de sua casa e gosta do que tá fazendo, você sente o prazer pelo que tá executando, então o fato de a gente trazer projetos novo, incentivar o agricultor a cultivar uma cultura que não é da cultura deles, isso é o que motiva a permanecer e o que motiva a ficar e fazer parte dessa família. ...ao contrário de muitas associações que impera o individualismo, aqui, pelo contrário, o coletivismo impera, principalmente no corpo administrativo, isso é notório nas ações que executa para todos os sócios.</i>
Sujeito 5	<i>É a união, é o prazer, é a comunicação. Um, quando tem um problema, ajuda o outro... Hoje a gente aprendeu a trabalhar em conjunto em equipe, ...porque antes era mais individualista, e hoje eu já trabalho mais em equipe, em conjunto, né...</i>
Sujeito 6	<i>E a relação que a gente tem com a UNIAGRO é uma relação, como todos já falaram, é família. É uma relação muito de respeito, de muito carinho, de muita cumplicidade, né, e, além disso, é uma forma democrática, onde cada um é respeitado de uma forma onde eles entendem que fazem parte de uma engrenagem, né, e esse respeito é mútuo por todos, né. Mas o maior aprendizado que me proporcionou a associação foi essa relação de proximidade com o ser humano, sabe? E entender que o ser humano, cada um tem um pensamento, e o respeito por eles, esse pensamento é algo que você tem que aprender no dia a dia, não é algo que você aprende em casa, não é algo que você nasce com ele, mas você, convivendo dia a dia com cada um deles, você entende que é necessário muitas das vezes agir e ter um comportamento diferenciado para cada pessoa, então isso aí trouxe um aprendizado pra mim como pessoa.</i>

Fonte: Elaboração própria, dados da pesquisa (2020)

Por fim, no Quadro 14, verifica-se que essa categoria retrata a questão do relacionamento existente na UNIAGRO. Mostra-se a forma como os sócios veem a associação e se relacionam. Para Oliveira e Martinelli (2019) e Serafim *et al.* (2013), no decorrer de todos esses processos, será necessário o envolvimento de toda a comunidade que está inserida, de maneira que cada pessoa contribua com seu potencial criativo específico.

As associações são criadas a partir da junção de pessoas que se organizam com a finalidade de promoverem um bem comum, sendo elas sem fins econômicos, como, por exemplo, as associações voltadas para fins culturais, religiosos, piedosos, científicos, literários, esportivos, recreativos, morais etc. Concorda com tal pressuposto o Ministério Público de Minas Gerais (2010), dizendo que somente quando as pessoas se organizam em um só grupo e centralizam suas forças em busca de um bem comum conseguem alcançar os objetivos almejados para todos que possuem o mesmo interesse.

Ainda de acordo com o Ministério Público de Minas Gerais (2010), por se constatar uma lacuna nas atribuições políticas no que diz respeito aos setores de educação, segurança, lazer, infraestrutura, entre outros, surgem as associações as quais agem na busca de melhores condições para atender as necessidades das pessoas. Para tanto, Ertzogue (1996, p. 116) também retrata que a premissa primordial de uma associação é a união que existe entre os membros que a compõe, a qual os leva a buscarem fortalecer cada vez mais seus vínculos e direcionar seus esforços na resolução de seus problemas e obtenção de resultados.

Em conformidade com as citações, verifica-se nos enunciados de cada integrante da pesquisa que com suas palavras demonstram que existe uma relação harmoniosa entre todos os sócios. Eles evidenciam uma total unidade com a associação, pois, além de buscarem melhores condições de vida, procuram desenvolver laços familiares, de afeto e de união, como destaca o sujeito 3: *“A minha relação com a UNIAGRO hoje é de família, né. Porque hoje a gente não é só sócio, não, hoje nós somos uma família. Hoje a UNIAGRO é a verdadeira família são dominguense”*. E não é só isso porque, mesmo sendo um grupo de pessoas que por meio da união buscam um bem comum para os sócios, eles procuram proporcionar melhorias também para o seu próximo que não faz parte da associação.

Como retrata o sujeito 6, dizendo:

Mas o maior aprendizado que me proporcionou a associação foi essa relação de proximidade com o ser humano, sabe? E entender que o ser humano, cada um tem um pensamento, e o respeito por eles, esse pensamento é algo que você tem que aprender no dia a dia, não é algo que você aprende em casa, não é algo que você nasce com ele, mas você, convivendo dia a dia com cada um deles.

Feitas essas apresentações e análises, o Capítulo 5 apresenta as considerações finais deste estudo, com sugestões para trabalhos futuros e as limitações da pesquisa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em meio a um século de constantes mudanças e transformações devido à busca por algo novo que proporcionasse um desenvolvimento tanto econômico quanto sustentável, surge a Economia Criativa, a qual, por meio de suas ferramentas relacionadas ao conhecimento e à criatividade, procura-se desenvolver tecnologias distintas das vigentes que proporcionassem à sociedade uma diversificação criativa na agricultura e na inclusão social. O estudo propôs evidenciar a relação existente entre a EC e a UNIAGRO, verificando as características da associação, com base nas abordagens bibliográficas acerca do que seria a EC, suas contribuições e sua desenvoltura no âmbito econômico e sustentável no município do qual faz parte.

Considerando-se o objetivo de traçar as características existentes na associação que condizem com a EC, a pesquisa conseguiu delinear algumas definições sobre o que é a EC e sua contribuição para um desenvolvimento sustentável, além de sua viabilidade na geração de renda, como também ressaltou as interações existentes entre as pessoas no processo associativo. De acordo com as análises e resultados, foi possível evidenciar que a EC possui uma importância fundamental no que diz respeito ao desenvolvimento sustentável da associação. Assim, o objetivo principal do estudo foi atendido, pois, ainda que de maneira embrionária, a UNIAGRO pôde se encaixar no cenário econômico criativo e ainda gerar desenvolvimento sustentável para a associação. Isso pode ser presenciado no modo como passou-se a lidar com as técnicas de manejo que permitem gerar menor agressão ao meio ambiente, como também com a extração dos recursos escassos. Ademais, os recursos financeiros se tornaram contínuos para os que fazem parte dessa comunidade.

Ressalta-se que, mesmo tendo seus setores criativos bem delineados, como, por exemplo, a música, a dança, o teatro etc., a EC não prioriza apenas esses setores destacados pelos autores, mas abre um grande leque de outros setores que vão bem mais além e se encontram em conjunto com a vida comunitária. Entretanto, conclui-se que a associação, ainda que não sendo considerada um setor propriamente dito como criativo, apresenta características criativas, como foi visto nos quesitos “UNIAGRO como um empreendimento criativo” e “mudança de cultura agrícola”, pois suas práticas passaram a ser vistas como algo novo no que tange às atividades que anteriormente eram desenvolvidas pela comunidade são domingense.

Quanto ao processo de desenvolvimento econômico e sustentável, foi verificado que, com base no suporte teórico, a associação tem apresentado um desenvolvimento econômico diferenciado para os sócios, na medida em que, com a introdução de novos empregos, houve a geração de renda para a comunidade e um acréscimo econômico substancial para todo o

município. Além disso, a capacitação profissional e o desenvolvimento técnico de projetos, via associação, permitiram que fossem implementadas atividades e manejos apropriados para processos que permitissem uma desenvoltura voltada para novas práticas mais sustentáveis tanto no sentido ecológico de não agredir o meio ambiente quanto no sentido de apreensão e propagação do conhecimento entre os associados e sócios, visando melhores condições na qualidade de vida para as gerações atuais e futuras.

Assim, respondendo ao objetivo de identificar os pontos existentes que possam ser melhorados ou que possibilitem a introdução de novas práticas criativas, identificou-se que, como toda e qualquer instituição, precisa sempre estar em constantes mudanças para seu crescimento e desenvolvimento, de semelhante modo com a UNIAGRO não seria diferente, visto que um dos pontos a serem destacado para sua melhora e seu crescimento criativo seria a necessidade de se introduzir investimentos governamentais por meio de políticas públicas necessárias para um aprimoramento das práticas criativas. Além disso, algo que também tem grande significado para a associação e que não está sendo atendido é a questão das relações da comunidade em abraçar a causa da associação, vinculando-se a suas ações e seus projetos para proporcionar um potencial significativo de cooperação e unificação dos talentos individuais.

5.1 Limitações e recomendações

Um dos obstáculos encontrados na realização do trabalho foi a dificuldade de poder relacionar a associação às práticas criativas, uma vez que as definições restringiam os setores criativos bem específicos, contudo, havia uma brecha nesse sentido. Desse modo, a associação apresentou-se como possuidora de características contundentes no tocante à EC, tendo em vista que a vida comunitária e os aspectos de uma cultura inovadora para a comunidade permitiram o pertencimento à temática. Em vista disso, outro fator que dificultou a execução da pesquisa está relacionado à metodologia, pois a questão de agendar um dia em que todos os indivíduos tivessem disponibilidade para participar do grupo focal prolongou ainda mais o período para serem realizadas as análises, adiando, consequentemente, a obtenção dos resultados.

Portanto, propõe-se que novos estudos sejam estimulados nessa temática voltados para descrever e estruturar as principais atividades desenvolvidas pela EC, como também os desdobramentos da mesma no quesito cultural, econômico e sustentável, e que busquem identificar com mais amplitude os empreendimentos criativos que possuam características criativas, de modo a mapeá-los e explorá-las, mostrando, assim, todos os seus benefícios e vantagens para a sociedade como um todo.

REFERÊNCIAS

- AMARO, R. R. Desenvolvimento: um conceito ultrapassado ou em renovação? Da teoria à prática e da prática à teoria. **Cadernos de estudos africanos**, Lisboa, ISCTE, n. 4, p. 35-70, 2003. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cea/1573#text>. Acesso em: 19 jan. 2019.
- ÁVILA, F. B. **Pequena enciclopédia de moral e civismo**: Policultura e monocultura. Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Material Escolar, 1972. Disponível em: <https://sites.google.com/site/agrifbaiano/policultura-e-monocultura>. Acesso em: 10 mar. 2020.
- AZEVEDO, E. **Alimentos orgânicos**: ampliando o conceito saúde humana, ambiental e social. Editora Senac. São Paulo: p. 19-197, 2012.
- BARBOSA, G. S. O Desafio do desenvolvimento sustentável. **Revista Visões**, 4. ed., v. 1, n. 4, 2008. Disponível em: http://www.fsma.edu.br/visoes/ed04/4ed_O_Desafio_Do_Desenvolvimento_Sustentavel_Gis ele.pdf. Acesso em: 19 jan. 2019.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradutores L. de A. Rego; A. Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2006.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70 Ltda., 2008.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BENDASSOLLI, P. F. *et al.*. Indústrias Criativas: definição, limites e possibilidades. **RAE**, São Paulo, v. 49, n. 1, jan./mar. 2009.
- BERNARDO, M. A. **O associativismo agrícola no Liberalismo e na 1ª República**: Os sentidos de um percurso. Departamento de História da Universidade de Évora e CIDEHUS-UE, 2002.
- BRASIL. **Decreto nº 7.743**, 31 de maio de 2012. Dispõe sobre a Aprovação da Estrutura Regimental e o Quadro Demonstrativo dos Cargos em Comissão e das Funções Gratificadas do Ministério da Cultura. 2012. Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/1032175/decreto-7743-12>. Acesso em: 19 jan. 2019.
- BRASIL. Ministério da Cultura. **Plano da Secretaria da Economia Criativa** - Políticas, diretrizes e ações 2011 a 2014. Brasília, 2011.
- BRESSER-PEREIRA, L. C. **O Conceito Histórico de Desenvolvimento Econômico**. Texto para Discussão EESP/FGV 157, 2006.
- BURITY, J. Cultura e Desenvolvimento. In: NUSSBAUMER, G. M. **Teorias e Políticas da Cultura**: Visões multidisciplinares. Salvador: EDUFBA, 2007. p. 51-65.
- CAMACHO, R. S. Por uma Agricultura Camponesa. Cadernos de Agroecologia. **Aba**

agroecologia. [S.l.], v. 11, n. 2, dez. 2016. ISSN 2236-7934. Disponível em: <http://revistas.aba-agroecologia.org.br/index.php/cad/article/view/21760>. Acesso em: 19 jan. 2019.

CÂMARA, R. H. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 6, n. 2, p. 179-191, 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v6n2/v6n2a03.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2020.

CARVALHAL, F.; MUZZIO, H. Economia Criativa e Liderança Criativa: Uma associação (IM) possível?. **REAd. Revista Eletrônica de Administração**, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 659-688, 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-23112015000300659&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 03 maio 2018.

CLOSS, L.; OLIVEIRA, S. R. de. Economia Criativa e Territórios Usados: Um debate baseado nas contribuições de Milton Santos. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 15, n. 2, p. 349-363, 2017. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/cadernosebape/article/view/52437/66325>. Acesso em: 03 maio 2018.

CORNFORD, J; CHARLES, D. **Culture Cluster Mapping and Analysis: A Draft Report for ONE North East**. Centre for Urban and Regional Development Studies, University of Newcastle upon Tyne, UK, 2001. Disponível em: <http://www.campus.ncl.ac.uk/unbs/bylife2/lib/files/4731report.pdf>. Acesso em: 04 dez. 2006.

DAL SOGLIO, F. *et al.* Agricultura e Sustentabilidade. Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: **Editora da UFRGS**, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad008.pdf>. Acesso em: 09 mar. 2020.

DCMS. **Creative industries mapping document**. Department for Culture, Media and Sport. Disponível em: http://www.culture.gov.uk/global/publications/archive_1998/Creative_Industries_Mapping_Document_1998.htm. Acesso em: 15 Ago. 2019.

DEHEINZELIN, L. Economia Criativa, Inovação e Oportunidades. In: REIS, A. C. F.; Deheinzelin, L. (Orgs.). **Cadernos de Economia Criativa: economia criativa e desenvolvimento local**. Vitória: SEBRAE, 2008. p. 37-49.

DUQUE, F. S. Economia criativa: empreendimentos culturais. **Seminário Internacional de Políticas Culturais**. Rio de Janeiro, 2015.

DURAND, J. C. Sugestões para o cultivo e a difusão da economia da cultura no Brasil. **Grupo Focus/Unicamp**. Campinas, 2007.

ERTZOGUE, M. H. Associações Rurais, Sindicatos Agrícolas e Cooperativas. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 22, n. 1, p. 103-120, 1996.

FILHO, N. S. Da Associação no Novo Código Civil. **Revista de EMERJ**, v. 7, n. 27, 2004.

Disponível em:

http://www.emerj.tjrj.jus.br/revistaemerj_online/edicoes/revista27/revista27_42.pdf. Acesso em: 06 set. 2018.

FJP. Atlas de desenvolvimento humano do brasil. **O IDHM**. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – Ipea. Fundação João Pinheiro – FJP, 2013. Disponível em: http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/o_atlas/idhm/. Acesso em: 01 nov. 2019.

FURTADO, C. **A nova dependência**: Dívida externa e monetarismo. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FURTADO, C. **Cultura de desenvolvimento em época de crise**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

GABRIELLE, C.; RODRIGO, M. **Economia Criativa como uma alternativa para o desenvolvimento sustentável**. Observatório de indústrias criativas, 2017. Disponível em: <http://www2.faac.unesp.br/pesquisa/lecotec/projetos/oicriativas/index.php/2017/07/03/economia-criativa-como-uma-alternativa-para-o-desenvolvimento-sustentavel/>. Acesso em: 06 set. 2018.

GIL, C. A. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. **Atlas**, 6ª edição. São Paulo, 2017.

GONDIM, S. M. G. Grupos Focais como Técnica de Investigação Qualitativa: Desafios metodológicos. **Paidéia**, v. 12, n. 24, p. 149-161, 2003.

GORGULHO, L. F. *et al.* **A economia da cultura, o BNDS e o Desenvolvimento Sustentável**. Rio de Janeiro: Editora BNDES, 2009.

HARTLEY, J. **Creative Industries**. London: Blackwell, 2005.

HOWKINS, J. **The mayor's commission on the creative industries**. In: HARTLEY, J. (Ed), **Creative Industries**. London: Blackwell, 2005. p.117-125.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **São Domingos**. 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/se/sao-domingos/historico>. Acesso em: 17 dez. 2018.

JAGUARIBE, A. **Indústrias criativas**. Disponível em: <http://www.portalliberal.com.br>. Acesso em: 24 jul. 2006.

JEFFCUTT, P. Management and the creative industries. **Studies in Culture, Organizations and Society**, v. 6, n. 2, p. 123-127, 2000.

JESUS, D. S.V. A arte do encontro: a paradiplomacia e a internacionalização das cidades criativas. **Revista de Sociologia e Política**, v. 25, n. 61, p. 51-76, 2017.

KEATING, P. **Creative Nation**. 1994. Disponível em: <http://apo.org.au/research/creative-nation-commonwealth-cultural-policy-october-1994>. Acesso em: 15 maio. 2019.

KNOB, L. O.; DUARTE, G. R. **A Agricultura**: Surgimento e sua evolução. Instituto de Ensino

Superior – Unioeste, 2007. Disponível em:
http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_lotario_oto_knob.pdf. Acesso em: 09 mar. 2020.

LANDRY, C. The Creativity City Index. **City, Culture and Society**, v. 2, p. 173-179, 2011.

LOPES, M. G. K. *et al.* Grupos Focais: Uma estratégia para a pesquisa em saúde. **RSBO [online]**, v. 7, n. 2, p. 166-172, 2010.

LOURENÇO, G. M.; ROMERO, M. Indicadores Econômicos. **FAE Business School**. Economia empresarial. Curitiba: Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus, 2002. p. 27-41.

MELGAREJO, E. R. Economia criativa: alternativa para o desenvolvimento sustentável econômico e social para os países em desenvolvimento. **Atos do Congresso Responsabilidade Reciprocidade**. Fundação Antonio Meneghetti & Faculdade Antonio Meneghetti. Recanto Maestro, 2011. ISSN 2237-4582. Disponível em: www.reciprocidade.org.br. Acesso em: 09 mar. 2020.

MINISTÉRIO PÚBLICO DE MINAS GERAIS. **Associações Comunitárias** - Guia Prático e Dúvidas Frequentes. Minas Gerais, 2010. Disponível em:
<http://www.magrelacomunicacao.com.br/wp-content/uploads/2015/11/Associa%C3%A7%C3%B5es-Comunit%C3%A1rias-Guia-pr%C3%A1tico-e-d%C3%BAvidas-frequentes.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2019.

MOZZATO, A. R.; GRZYBOVSKI, D. Análise de Conteúdo como Técnica de Análise de Dados Qualitativos no Campo da Administração: Potencial e desafios. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 15, n. 4, p. 731-747, 2011.

NOVAIS, T. C. **A Policultura Orgânica e a Relação Agricultora-terra no Coxo de Dentro**. Jacobina, BA, 2018.

OLIVEIRA, F. **Aproximações ao Enigma**: O que quer dizer desenvolvimento local?. São Paulo: Pólis; Programa Gestão Pública e Cidadania/EAESP/FGV, 2001.

OLIVEIRA, T. S. M. de; MARTINELLI, P. A Economia Criativa como Caminho ao Desenvolvimento Sustentável das Cidades. **Revista das Faculdades Santa Cruz**, v. 9, n. 2, 2013. Disponível em: <http://www.santacruz.br/v4/download/revista-academica/17/11-a-economia-criativa-como-caminho-ao-desenvolvimento-sustentavel-das-cidades.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2019.

ONU; UNCTAD. **Relatório de Economia Criativa 2010** – Economia Criativa: Uma opção de desenvolvimento viável. Brasília: Secretaria da Economia Criativa/MINC, 2010. Disponível em: https://unctad.org/pt/docs/ditctab20103_pt.pdf. Acesso em: 22 jan. 2019.

PRATES, L. A. *et al.* A Utilização da Técnica de Grupo Focal: Um estudo com mulheres quilombolas. **Cadernos de saúde pública**, v. 31, p. 2483-2492, 2015.

PRATT, A. C., HUTTON, T. A. Reconceptualising the relationship between the creative economy and the city: Learning from the financial crisis. **Cities**, v.33, p. 86-95, 2013.

REIS, A. P. F. **Curso de formação de Gestores Públicos e Agentes culturais: Economia criativa de modismo a estratégia de desenvolvimento.** Rio de Janeiro, 2007.

REIS, A. C. F. Evolução Histórica: da indústria criativa à economia criativa – pequeno panorama global. In: REIS, A. C. F.; DEHEINZELIN, L. (Orgs.). **Cadernos de Economia Criativa: economia criativa e desenvolvimento local.** Vitória: SEBRAE, 2008. p. 15-21.

RESSEL, L. B. *et al.* O Uso do Grupo Focal em Pesquisa Qualitativa. **Texto Contexto Enferm.**, Florianópolis, 2008.

RODRIGUES, P. L. A Economia Criativa nas Relações Internacionais. **Revista Cadernos do Ceom**, v. 26, n. 39, p. 35-54, 2013.

ROMEIRO, A. R. Agricultura Sustentável, Tecnologia e Desenvolvimento Rural. **Agricultura sustentável**, v. 3, n. 1/2, 1996.

RUA, J. **Policultura no Município de Nova Friburgo.** Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2016.

SANTOS-DUISENBERG, E. dos. A Economia Criativa: Uma opção de desenvolvimento viável? In: REIS, F. C. (Org.). **Economia Criativa como Estratégia de Desenvolvimento: Uma visão dos países em desenvolvimento.** São Paulo: Itaú Cultural, 2008. p. 50-73. Disponível em: http://www.garimpodesolucoes.com.br/dowloands/ebook_br.pdf. Acesso em: 17 jun. 2019.

SARTORI, R. R. V.; LIMA, M. R. de. A Importância das Associações Comunitárias na Construção de uma Sociedade Democrática. **Revista Dom PPR**, 2018. Disponível em: <https://www.revistadomppr.org.br/edicoes/8/269-289.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2019.

SERAFIM, M. C. *et al.* Economia Criativa ou Indústria Criativa: Delimitação de um conceito em construção. In: **Encontro de Economia Catarinense**. 7. 2013. Florianópolis-SC. UFSC, 2013.

SILVA, F. R. M. da. As Relações entre Cultura e Desenvolvimento e a Economia Criativa: Reflexões sobre a realidade brasileira. **NAU Social**, v. 3, n. 4, p. 111-121, 2012.

SILVA, Y. F. **Economia criativa na comunidade da Mangueira:** estudo de caso da Ecomoda. 2018.

SOUSA, R. **Monocultura.** Brasil Escola. c2020. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/monocultura.htm>. Acesso em: 09 mar. 2020.

STEDILE, J. P. *et al.* Manifesto das Américas em defesa da natureza e da diversidade biológica e cultural. **Revista Caros Amigos**, São Paulo: Casa Amarela, ano 10, n. 112, p.40, jul. 2006

VASCONCELLOS, M. A. S. de. **Economia:** micro e macro. São Paulo: Atlas, 2007.

VERGARA, S. C. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração.** São Paulo: Atlas, 2008.

VIEIRA, C. B. *et al.* **Economia Criativa**: Índice de potencial criativo das capitais brasileiras. Florianópolis, 2013.

UNCTAD. **Creative Economy**: a feasible development option. Geneva: United Nations, 2010. Disponível em: <https://www.creativitycultureeducation.org/publication/creative-economy-report-2010-creative-economy-a-feasible-development-option/>. Acesso em: 19 jan. 2019.

WINNICOTT, D. W. **O Brincar e a Realidade**. Porto Alegre: Artmed, 1975.

YÚDICE, G. **A Conveniência da Cultura**: Usos da cultura na era global. Trad.: Marie-Anne Henriette Jeanne Kremer. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

APÊNDICE A – Roteiro do grupo focal

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE CENTRO CAMPUS UNIVERSITÁRIO PROF. ALBERTO CARVALHO DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO

Visita de campo realizada em: 23/02/2020

ROTEIRO GRUPO FOCAL (GF)

1º Passo: Apresentação dos participantes da pesquisa

- Moderador e demais colegas que auxiliaram na coleta dos dados

2º Passo: Apresentação do Termo de Consentimento aos participantes e assinatura

3º Passo: Exposição dos objetivos da pesquisa e das regras do Grupo Focal (expor a rotina da reunião)

Objetivos da pesquisa:

- Entender se a UNIAGRO se encaixa dentro da economia criativa, gerando desenvolvimento sustentável em São Domingos;
- Analisar se a UNIAGRO apresenta características próprias da economia criativa que lhe permitem gerar um desenvolvimento sustentável em São Domingos;
- Identificar os possíveis pontos existentes na UNIAGRO que possam ser melhorados ou até mesmo introduzir novas práticas criativas por meio de teorias e métodos propostos pela economia criativa.

4º Passo: Perguntas

Observação: o moderador abre os trabalhos e expõe:

- Qual é a instituição responsável pela pesquisa;
- Agradecer pela presença;
- Informar sobre sigilo;
- Duração mínima de 90 minutos;
- Apenas uma pessoa pode falar por vez;
- Evitar discussões paralelas para que todos possam falar;
- Todos devem expor o que pensam, sem receio de estar certo ou errado.

APÊNDICE B – Roteiro de perguntas

1. Como vocês tomaram conhecimento da UNIAGRO?
2. O que os levou a se associarem?
3. Como vocês consideram a relação com a UNIAGRO? Falem mais sobre isso...
4. Quais mudanças ocorreram na vida de vocês após a integração com a associação?
5. Com essa mudança de cultura, por intermédio da associação, vocês acham que houve melhorias? De que forma?
6. Ocorreu melhoria na renda e no ganho familiar? Como se deu esse processo de melhoria?
7. Quais atividades vocês realizavam para adquirir renda antes de se associarem?
- 7.1 Vocês ainda realizam essas atividades juntamente com as da associação?
8. Vocês participam de ações de formação e capacitação na associação? Quais?
9. Há preocupação com o meio ambiente no manejo de substâncias durante as atividades de cultivo? Como se dá essa preocupação?
10. Vocês consideram o modelo proposto pela associação como algo diferente e criativo na maneira de empreender? De que forma?
11. Como é feito o financiamento das atividades criativas para vocês?
12. O que vocês acham que poderia ser melhorado na UNIAGRO?
13. O que os mantém motivados a permanecerem na associação?
14. Para vocês, como foi participar desse grupo? O que pode ser agregado?

5º Passo: Lanches

APÊNDICE C – Roteiro da entrevista

Visita a campo: 23/02/2020

Entrevista feita com o agrônomo presidente da associação – Júlio Renovato dos Santos

Caracterização da iniciativa:

1. O que levou à criação da associação UNIAGRO?
2. Qual função você exerce na iniciativa?
3. Qual a origem do espaço da associação?
4. Como é realizada a comercialização dos produtos da associação?
5. Qual a principal atividade realizada pela associação?
6. Quais parcerias a UNIAGRO realiza?
7. A associação recebe algum incentivo de programas governamentais voltados para o empreendedorismo criativo? Se sim, quais?
8. Você conhece outras iniciativas que geram, por meio de projetos criativos, benefícios à população de São Domingos?
9. Existe participação da comunidade em geral nas atividades criativas?
10. Há ações sociais que beneficiam a comunidade do Município de São Domingos? Quais?
11. Existe alguma marca como forma de identificação dos produtos originados das atividades criativas gerados pela associação? Descreva.
12. Você teria alguma coisa a agregar que teria importância?